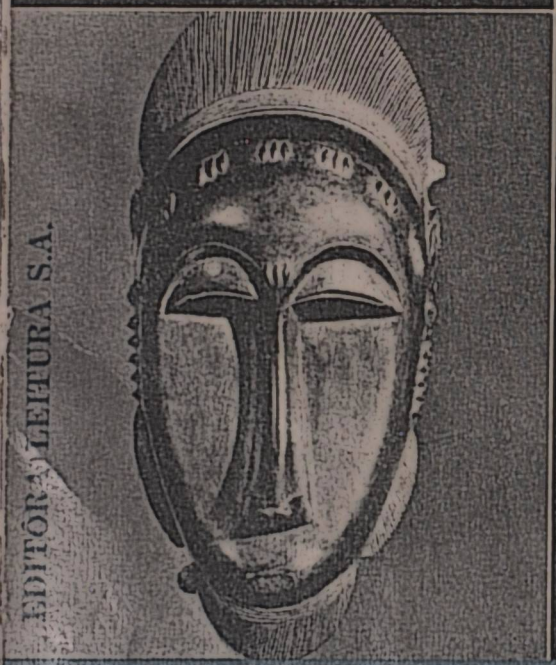
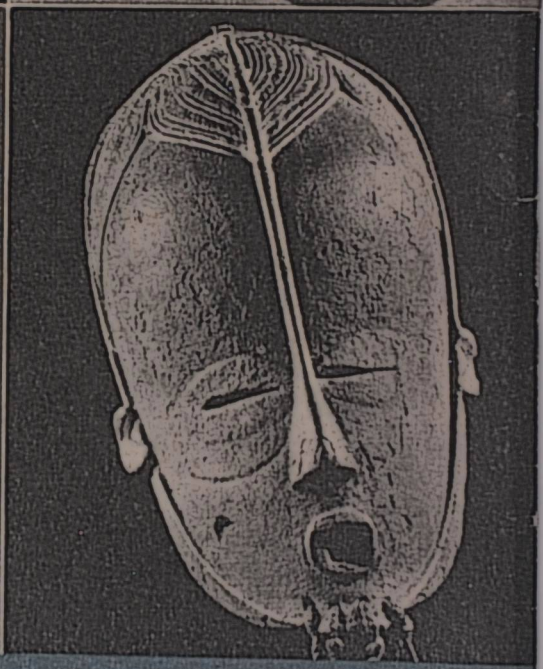








EDITÔRA LEITURA S.A.

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

AFRICA DIFÍCIL

Experiência Africana do Embaixador Negro

"Poderia apontar a minha experiência africana mais como uma aventura pessoal, o que ela realmente é, levando-se em conta a dimensão de alguns de seus aspectos" — diz Raymundo Souza Dantas, a propósito de sua atuação em Gana, onde por mais de dois anos serviu como Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Brasil. Êste livro, páginas de um diário em tôrno do que viu e viveu não só em Gana, mas também em outros países da África Ocidental, narra episódios, registra impressões, julgamentos e idéias sôbre o discutido mas ainda insuficientemente conhecido mundo africano, além de focalizar o que deveria ter sido e não foi a nossa política naquelas áreas agressivamente reivindicativas.

Ao mesmo tempo é um livro humano, repassado de emoções que orientaram a vivência do autor no universo de seus antepassados, a respeito do que afirma Raymundo Souza Dantas, não se valendo porém dessa sua qualidade para se fazer aceito: "Na tentativa de estabelecer intimidade maior, na minha convivência de dois anos com o ganense, não precisei fazer-me negro entre negros, conforme pretendia alguem. Por motivos óbvios, não me seria difícil passar por um nativo, mas havia outros, sem qualquer relação com a côr


Silvio
Duncan
1969



ÁFRICA DIFÍCIL

Do Autor:

SETE PALMOS DE TERRA — romance, 1944

AGONIA — contos, 1945

SOLIDÃO NOS CAMPOS — romance, 1949

VIGÍLIA DA NOITE — novela, 1949

UM COMÊÇO DE VIDA — depoimento biográfico, 1949

O LADO DA SOMBRA — novela, 1961

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

ÁFRICA DIFÍCIL

(Missão Condenada: Diário)



EDITÔRA LEITURA S/A

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Editôra Centenário Ltda. situada à Rua Neri Pinheiro, 4 - Rio de Janeiro, GB, em agôsto de 1965, para a Editôra Leitura S.A.

Coleção Nova África

África Difícil

Editôra Leitura S.A., Av. Presidente Vargas, 3001
Rio de Janeiro, GB - Brasil

DEDICO ESTAS IMPRESSÕES
E IDÉIAS GERAIS SÔBRE
A ÁFRICA

Ao ganense KWESI ENU ANSAH,
pelo muito que me revelou
das tradições de sua terra.

Ao togolês EUGÊNIO AUGUSTINO DE SOUZA,
que me levou pela mão a muitos dos
notáveis da família dos Xáxás.

Ao egípcio JOSEPH C. SACROUG,
pela lealdade com que serviu
à Embaixada e ao Embaixador.

"La voie de l'Afrique consiste à inventer (et l'on n'invente pas sans lutte, sans souffrance ni sans emprunts) sa propre façon de définir le passé et l'avenir, d'édifier sa puissance économique, ses structures démocratiques, l'expression de sa personnalité culturelle et son intégration dans le monde des agents responsables de l'équilibre mondial." (*Presence africaine*, nº XXXVII).

I - ÁFRICA DIFÍCIL

A minha experiência africana, também a minha primeira e, certamente, única experiência diplomática, teve como base a vivência quase que em um só país. Permaneci por dois anos em Gana, com algumas saídas para o Togo, o Senegal e o Daomé, o que me permite oferecer algumas impressões, acompanhadas de idéias gerais, se assim me posso expressar. A África não é apenas meia dúzia de países, mas um mundo múltiplo e diverso, verdadeiro mosaico, ainda agora insuficientemente conhecido. Tive, porém, a chance de testemunhar, do ponto considerado como o centro político mais importante dêsse mundo, o esfôrço concentrado de seus líderes mais atuantes, no sentido da conquista de um nôvo equilíbrio.

Gana representava, sem dúvida, nessa área cada vez mais nervosa e reivindicativa, impaciente, não só o centro político de maior evidência, mas também o exemplo a seguir, o Estado-pilôto pròpriamente dito, em face de suas ousadas e ambiciosas realizações, buscando edificar uma sociedade original e harmônica. Por outro lado, alguns países visitados, ao longo dêsses dois anos, como o Togo e o Daomé, embora nem de longe tenham a importância de Gana, proporcionaram-me o contato com os descendentes de escravos repatriados do Brasil, os quais constituem, ainda hoje, verdadeira elite atuante.

O visto e o vivido nestes países, pois, embora não me capacitem a oferecer um testemunho global do que se passa nessas Áfricas que já não provocam apenas curiosidade, interêsse e simpatia, mas também preocupação, forneceu-me a ambiência para melhor compreender e

julgar problemas e fenômenos os mais contraditórios, provocados por rivalidades tribais, diferenças ideológicas, disparidades econômicas, causas de tensões que não chegam a anular, mas dificultam a almejada colaboração interafricana.

Poderia apontar a minha experiência africana mais como uma aventura pessoal, o que ela realmente é, levando-se em conta a dimensão de alguns de seus aspectos. Na tentativa de estabelecer intimidade maior, na minha convivência de dois anos com o ganense, não precisei fazer-me negro entre negros, conforme pretendia alguém, para melhor compreender a alma do africano. Por motivos óbvios, não me seria difícil passar por um nativo, mas havia outros, sem qualquer relação com a côr e sim com o meu modo de ser e de ver as coisas, sendo como sou homem de outro mundo, que obstacularam-me a intimidade na medida do desejado.

Mas convivi realmente com o ganense, sentindo os seus problemas, que até certo ponto são problemas de outros africanos e também nossos, conhecendo as suas aspirações e angústias, participando do seu dia a dia, testemunhando os seus hábitos e costumes. Tudo isso, no entanto, como criatura de outro mundo, embora êsse outro mundo se diga civilizado também pelo africano. Não estava, por isso mesmo, em ambiente totalmente estranho, nem poderia ser inteiramente impermeável às suas tradições e modos de vida.

Já se afirmou, com acêrto, termos mais condutos com o mundo africano do que com qualquer um outro, apontando-se sobrevivências, familiaridades, problemas e reivindicações comuns. Foi, valendo-me dêsses fatos, que busquei intimidade maior, alcançando apenas comunicabilidade em que prevaleceu, como elemento aproximativo, não a minha côr nem a minha procedência, repito, mas o meu empenho em melhor compreender e julgar os fenômenos da nova África, em cujo panorama Gana desponta como o de mais amplas perspectivas desenvolvimentistas.

Acredito que, em nenhum outro país africano independente, poderia eu ter idéia mais real de que sejam o arrôjo e a ambição do africano. Quando se escuta que a África muda de fisionomia, sòmente se pode julgar o que isso significa mesmo, se se teve a oportunidade de verificar, de corpo presente, as realizações ganenses, como barragens, campos de aviação, estradas de ferro, usinas, hospitais e escolas. Tudo isso, no entanto, é ainda muito pouco, quase nada, diante do rol de suas necessidades.

Vi coisas extraordinárias em Gana, resultado do espírito empreendedor de seu líder, Kwame Nkrumah, cuja estátua, nos jardins da Casa do Parlamento, é motivo de religiosa veneração, como se se tratasse de um Deus, mas vi também muita miséria, na luta contra a qual, diga-se de passagem, colhem os ganenses resultados extraordinários. Por mais que o tempo africano, porém, seja acelerado, e um país como Gana consiga seguir de perto êsse ritmo precipitado, a velocidade que alcançar ainda será pouca, para o atendimento de suas necessidades na mesma base vertiginosa com que foi conquistada a descolonização política.

Em sua ânsia de vencer o atraso em que se encontra, procura realizar em meia dúzia de anos o que outros países, sem a sobrecarga dos prejuízos que sofreu, alcançaram ao longo de demorados períodos, etapa após etapa. Acontece, porém, que se processa uma revolução no mundo africano, revolução global, para cujo entendimento não se pode, evidentemente, aplicar os mesmos critérios, nem as mesmas medidas usadas no Ocidente. Por isso escapa a muitos a compreensão de certos fenômenos africanos, principalmente os métodos políticos.

* * *

Forja-se na África um homem nôvo, trabalhando por influências as mais diversas, sacudido por conflitos de tôda natureza, marcado por vicissitudes sem conta. cujas aspirações e virtualidades o impulsionam, como se vê, em busca da mais completa reabilitação. Nervoso e impaciente, agressivo mesmo, ávido de afirmar a sua

originalidade, lança-se em temerárias experiências e em ousadas realizações, procurando assim vencer as frustrações, as mutilações e as alienações resultantes das seculares relações impostas pelas nações européias. Reivindica, êsse nôvo homem, completa participação na vida universal em igualdade de condições com todos os povos, respeitadas as suas opções na construção de sua nova civilização.

A originalidade e a autonomia dessas opções manifestam-se, naturalmente, em todos os setores de atividade, mas é no particular das instituições políticas que se faz mais agressiva. Os regimes em vigor, na maioria, ou melhor dizendo, na totalidade dos novos Estados, são presidencialistas, mas em nada inspirados nos modelos ocidentais, em virtude das modificações e adaptaçes que sofreram. Até certo ponto, o jôgo democrático foi violentado, com a tendência, por exemplo, para o partido único, como também com a vocação ditatorial de alguns de seus governantes. Êsse mesmo jôgo, porém, não poderia se repetir nas mesmas bases que no ocidente, pois na África teve que respeitar as condições locais, além de obedecer a pretensões de originalidade e afirmação, quer nas áreas de influência inglêsa, quer nas áreas de influência francesa, quer em quaisquer outras, apesar das contradições e divergências.

Até o momento, apenas três Estados negros, Gana, República Centro-Africana e o Congo (Brazaville), adotaram oficialmente o partido único, através de dispositivo constitucional. Nos demais, êle existe de fato, sendo apresentado como um instrumento necessário ao estilo de democracia preponderante na África. Insistindo sôbre a originalidade da situação africana, sôbre o caráter específico de sua experiência, recusam também a concepção marxista do poder. Os sistemas adotados são, a um só tempo, a negação dos preceitos da democracia ocidental, como também a repulsa da repetição dos modelos comunistas. Buscam um figurino próprio, para talhar vestes adequadas.

* * *

O africano, aliás, está condenado à originalidade, pois todos os seus problemas exigem soluções diferentes. Assim no terreno das instituições políticas, assim na organização dos quadros administrativos, assim no campo do ensino e da cultura, enfim, em tôdas as frentes de atividades. Para atender, por exemplo, à insuficiência de quadros, lança-se na formação de um administrador versado em várias disciplinas. Nem todos os Estados, por motivo dessa insuficiência, conseguiram até aqui africanizar os seus quadros na percentagem desejada. Nem mesmo Gana, que também nesse particular se destacou entre os demais, sendo como foi o primeiro a procurar realizar essa africanização em todos os setores de sua vida pública administrativa. Vi de perto, fui testemunha ao vivo, da ufania dos ganenses, na proporção que aumentavam a percentagem de africanização de seus quadros, principalmente quando completaram-na no setor militar, substituindo quase que inteiramente, em 1961, os oficiais ingleses que compunham alguns de seus setores técnicos. Também no particular do ensino superior, a africanização é um fenômeno digno de nota, quer no particular das matérias, quer dos currículos e inclusive do corpo docente, embora nesse particular dependa ainda da assistência européia.

Enquanto, porém, não puder satisfazer suas necessidades e resolver seus problemas, com os seus próprios recursos, o que demorará muito e muito, terão os africanos que valer-se da ajuda daqueles mesmos que, num passado não muito distante, mantinha-os sob jugo. Embora seja essa ajuda imprescindível, pois não poderão subsistir sem essa assistência, reagem à invasão, por exemplo, de uma certa classe de conselheiros, que está ocorrendo em quase todo o continente, reclamando ao mesmo tempo que a proclamada assistência técnica se restrinja ao estritamente necessário. A reação começa a se fazer sentir através de pronunciamentos esparsos, mas significativos, com o objetivo de alertar os menos avisados do grande perigo de uma nova dependência.

Entre os povos que estendem fraternalmente a mão aos africanos, oferecendo-lhes cooperação dentro dos li-

mites desejados, estão os israelenses, cuja política de influência em alguns países da banda ocidental da África já foi proclamada pelos próprios inglêses como a mais sábia e por isso mesmo bem sucedida, nesta fase de sua evolução. A marca da presença israelense é observada nas experiências agrícolas, na organização de emprêsas de transportes, no ensino técnico, atendendo ao mesmo tempo países como Gana, Costa do Marfim, Camarões. Também os alemães procuram marcar sua presença através de uma assistência ampla e sem preconceitos. Os americanos, por seu lado, exibem hoje uma vivência africana excepcional, realizando uma política, até bem pouco tempo, pelo menos, a mais realista possível, sem exigir em troca qualquer comportamento ou compromisso, senão aquêles vinculados às regras e tratados de cooperação.

A grande presença a destacar, porém, é a francesa. Os russos não tiveram sensibilidade para garantir as vantagens alcançadas na oportunidade da fermentação nacionalista, além de revelar-se medularmente racistas. Nunca vi russos confraternizando com africanos, eu os observei em grupos isolados, guardando escandalosa distância para com os negros no viver cotidiano. Cometeram erros, graves erros, na Guiné, por exemplo, mesmo em Gana, no Congo e no Sudão, na Somalia, no Mali. Os chinêses buscam agora substitui-los, fazendo uso de uma solidariedade que os africanos já pouco falam, a solidariedade afro-asiática.

Cabe realmente à França, no momento, o papel da grande presente em África, mesmo em países de formação inglêsa. É possível que os franceses, nesta altura dos acontecimentos, procurem interpretar os problemas africanos de acôrdo com os próprios interêsses africanos. A política mantida por êles talvez pareça aos africanos menos equívoca do que qualquer outra. Na verdade é cada vez maior o prestígio francês na África, grande a ajuda que a França presta, além de adequada, por que inspirada nos anseios e propósitos de uma África estável e próspera.

Contudo, não é pequena a influência comunista na África, embora já tenha sido maior. Dizia-se, por exem-

plo, que países como Gana, do grupo dos revolucionários agressivos, marcados pela influência comunista, pressagiavam dependência crescente face à Moscou, Pequim e Havana, apesar de sua ambição de vestir conforme figurino próprio. O exemplo de Gana, de cujo processo fui testemunha por mais de dois anos, prova que a influência em questão diminuiu muito, bastante mesmo, merecendo uma retificação no que tange ao julgamento das tendências dominantes. Vejamos os fatos históricos: apesar do decantado neutralismo, Gana realmente esteve muito mais voltada para o mundo comunista. Houve momentos em que os observadores consideraram Nkrumah completamente irrecuperável, exatamente na época em que iniciava eu a missão diplomática de que me honrarei para sempre. Foi nos fins de 1961, o dirigente voltava de longa viagem pelo mundo socialista, tendo se demorado na Rússia e na China, onde deu largas à sua admiração pela rapidez do progresso naquelas áreas. Retornou à Gana profundamente impressionado, mas muito vacilou, embora tenha assumido algumas posições e adotado soluções bastante características. O seu partido, o CPP, enveredou por uma ação socializante a mais ampla possível. Como se sabe, a base comunitária africana favorece, por si só, um sistema de vida mais próximo do socialismo, mas está muito longe de facilitar o comunismo. Dessa realidade comunitária aproveitaram-se os ideológos do CPP, para desencadear sua ação de propaganda de um ideário radical. Reconheceu porém Nkrumah, após vacilações e recuos, a impossibilidade de promover o desenvolvimento de seu país seguindo semelhante caminho. Recentemente, informações que nos chegaram, muito precárias, como tudo que sôbre a África colhemos de terceiros, por que manipuladas ou distorcidas, dão conta de retificações levadas a efeito por Nkrumah, retificações essas sob o argumento de que Gana não possui atualmente os meios de realizar o socialismo. Assim é que, entre outras, adotou recentemente medidas econômicas liberais, fazendo, inclusive o elogio do capitalismo. Conforme essa nova orientação, Gana terá uma economia mista, não pensando impôr qualquer limitação aos investimentos privados. Justificando-se, acentua o líder ganense que, antes de

promover o socialismo, para o qual o seu país não possuí ainda os meios necessários, prefere preocupar-se agora em possibilitar os fundamentos reais sôbre os quais poderá erigí-lo, que são a modernização da agricultura e a industrialização de Gana. O que prova tudo isso é que os africanos buscam mesmo, cometendo erros e acêrtos, de experiência em experiência, ao longo de sua revolução, a conquista de um equilíbrio, repito, para substituir o que lhe foi destruído pelas fôrças e a prática colonialistas.

Mas é, no entanto, quase impossível oferecer visão correta da situação geral. Muito tem acontecido nos territórios africanos, cada vez mais aceleradamente, tornando qualquer observador incapaz de manter-se atualizado. As realidades daquele mundo, por outro lado, dificultam a apresentação de um quadro exato. Quando por exemplo, isso muito recentemente, tudo parecia marchar para o desejado entendimento geral, foi o Continente Negro, sùbitamente, sacudido por tôda espécie de crises, voltando a constituir-se num campo de atritos sem conta, em que se cruzam interêsses e influências interiores e exteriores de caráter irreconciliável. Ressurgiram explosivas as rivalidades, diferenças ideológicas, antagonismos seculares, levantes militares, conjuras palacianas e até intervenção estrangeira.

Face a êsses distúrbios, afirmam alguns observadores que as potências européias retiraram-se muito cedo da África, reeditando sovados argumentos procurando provar que os territórios que se tornaram livres não estavam maduros para a independência. Além de acentuarem que a situação atual deixa o campo livre à anarquia e ao comunismo, declaram impossível a formação de sociedades estáveis, pacíficas e democráticas. A meu ver, destacar apenas êsses aspectos negativos do panorama africano, não é ser verdadeiro sôbre a situação da vasta e difícil área. Existem, também, em escala da mesma forma impressionante, elementos positivos, que apontam o caminho do entendimento, da solidariedade e da cooperação. Juntamente com o passado colonial comum, aproxima-os tradicional combinação de caracteres, modos e

concepção de vida, acrescendo a necessidade de um desenvolvimento rápido e harmônico.

* * *

Estas as impressões, acompanhadas de algumas idéias gerais, que me acho capacitado a oferecer sôbre os fenômenos africanos. Quanto a minha experiência pròpriamente dita, ela está nas notas que compõem o diário que se segue, através do qual se poderá avaliar o penoso que foram, e por vêzes dramáticos, êstes meus dois anos e pouco de África, numa missão de antemão condenada. Procurei nêle registrar, na medida do possível, o meu dia em Gana, ou melhor dizendo, o meu cotidiano africano, com o propósito de fornecer amostra do que foi a minha experiência no mundo de meus antepassados. Nem tudo que vivi, que senti ou que testemunhei, porém, está nessas notas, pois antes de mais o que desejo não é comprometer, mas colaborar no sentido de que elabore uma política africana livre de preconceitos e complexos.

II- MISSÃO CONDENADA: DIÁRIO

3, fevereiro de 1963 — Chego a Dacar pela madrugada, lembrando-me da primeira vez em que desembarquei neste aeroporto, como agora em trânsito para Gana. Foi na madrugada de 24 de setembro de 1961. Deixara o Rio na véspera, sem a família, que só iria juntar-se a mim em Acra, oito meses depois. Era diferente o meu estado de espírito, não sabia o que me esperava em África, tinha de sua realidade conhecimento puramente livresco. Passei aqui apenas algumas horas, apreensivo, sem tempo nem ânimo para visitar a cidade. Ainda estava eu sob o impacto da renúncia do Presidente Jânio Quadros, que me destruira todos os planos, transformando em pesadelo o que era considerado grande conquista. Desta vez outro é o meu estado de espírito, regresso das férias sabendo o que me espera, tendo atrás de mim a dura e penosa experiência de quatorze meses.

* * *

Ficou boa impressão, do passeio esta manhã pelo centro de Dacar. Mas tudo foi visto superficialmente. Não entrei na intimidade da cidade, coisa impossível numa simples manhã domingueira. As ruas mostravam-se desertas, mudas de rumôres. Serviu-me de guia um caboverdeano, meu conhecido de Acra, agora residindo na capital senegalêsa. Cobrimos todos os itinerários possíveis, na manhã varrida por vento mais úmido do que frio. Terminamos o passeio em sua morada, um único cômodo num quarteirão miserável, onde pululam africanos de tôdas as origens. Conforme promessa que lhe fizera em

Acra, almocei em sua casa, um saboroso cozido à moda de Cabo Verde, preparado pela espôsa, que se encontra às vésperas de ter filho. Combinamos encontro para a noite, quando me levariam à uma festa de compatriotas seus, que comemoravam importante acontecimento daquela ilha de fala portuguêsa. Houve desencontro e fiquei eu no hotel, lendo o "Retrato na Gaveta". Otto Lara Rezende cada vez escreve melhor, com aquêle seu jeito despreocupado, fixando aspectos e episódios humanos os mais realistas, revelando caracteres e naturezas as mais complexas.

4, fevereiro — Dentro de poucas horas estarei embarcando rumo a Acra. Passei a manhã na cidade, que hoje apresentava fisionomia diferente. Cidade sem agressividade, tranqüila e acomodada, pouco ou quase nada africana. Aprovisionei-me em suas livrarias, adquirindo entre outros o famoso livro de Frantz Fanon sôbre a descolonização. "Les Damnés de la Terre" é um dos mais violentos libelos escritos em África, cuja leitura me foi retardada por não encontrá-lo à venda em Gana.

5, fevereiro — Novamente em Acra, por mais uma temporada. Muitos projetos, agora melhor pensados. Mais realistas, menos ambiciosos. Conheço melhor o povo e os seus hábitos, o ról de suas necessidades, que é imenso, como também de seus problemas. Êsse conhecimento não está ainda na medida do desejado, mas pode ser considerado suficiente para orientar-me nesta nova etapa a cumprir, que espero não seja tormentosa como a primeira. Sei que em se tratando de África, quase nada significa a experiência de pouco mais de ano. Já é porém alguma coisa, deu pelo menos para tomar contacto com a verdadeira realidade ambiente. Vária e mutável, ela desorienta e confunde. Alguns dos estudiosos dessa realidade indagam qual será o destino da África, o que irrita sobremaneira aos africanos. Não especulo a respeito, nem tenho prognósticos a fazer. Continuarei como o fiz ao longo de quatorze meses: testemunha apaixonada. A paixão pela África contrai-se como a uma febre, isso foi dito por Eve

Dessarre, numa de suas reportagens sôbre o que se passa no continente negro. Para ela, número cada vez maior de pessoas no mundo têem duas preocupações: seu Continente e a África. No Brasil, por exemplo, essa preocupação leva estudiosos e estadistas a reclamarem aproximação maior com os novos Estados africanos, salientando que por todos os motivos devemos aprender a conhecer e a amar essa África sofrida, que tem tantos pontos de contacto conosco.

6, fevereiro — Morre em Lagos o Embaixador Luiz de Souza Bandeira. Acabo de escutar a notícia pela Rádio Ibadã. Fazia apenas quinze dias que chegara à Nigéria, para assumir o pôsto, siquer apresentara ainda as suas credenciais. Era seu propósito chegar até Acra, logo regressasse eu das férias, para um contato pessoal e troca de idéias. Interessado pelos problemas do chamado mundo exótico, experiente, acostumado às áreas tidas como difíceis, acredito que tenha sido a melhor escolha, entre os diplomatas de carreira, para servir em África. A repercussão de seu desaparecimento deve ter sido imensa no Brasil. Nem quero imaginar as suas conseqüências, no particular do recrutamento de pessoal para servir na área, proclamada como de sacrifício, embora reconhecida como das mais importantes, de cujo melhor conhecimento dependerá sem dúvida a reformulação de nossa política africana.

* * *

Para muitos, não temos política africana. Afirmam existir apenas de parte do Brasil declarações de intenção. Mas essa política existe, é uma política em desenvolvimento. Por isso mesmo ainda sem agressividade, cautelosa, conduzida sem alardes. Sòmente agora começamos a ter a vivência da África e, conseqüentemente, a tomar contato com os seus grandes problemas e as suas necessidades sem conta. Êsse conhecimento direto começa a fornecer os dados objetivos para a grande política africana do Brasil. Virá com o tempo a agressividade recla-

mada e as nossas Embaixadas africanas deixarão de ser simples repartições burocráticas, para se transformarem em verdadeiros veículos promocionais. Mas, quando?

7, fevereiro — Trouxe mais livros, colhidos sem plano, entre os editados no Brasil em minha ausência. Constituem a lista mais heterogênea que se possa conceber. Desde a ficção, ao ensaio e à poesia. Espero encontrar tempo para lê-los, o que não parece fácil. Terei que continuar acompanhando o dia a dia africano, em tôdas as suas manifestações. Isso exige atenção diuturna, permanente estado de alerta. Quando assumi o pôsto, pensei fazer releituras que nunca me foram possíveis. Juntei à bagagem obras cujo estudo sempre desejei aprofundar, mas quase tôdas permaneceram nas estantes. Não foi possível conciliar a necessidade de reaprender tudo sôbre a África com os projetos literários, o que me levou a repensar os seus planos. A situação presente é bem outra, acredito poder realizar os propósitos literários postos de lado no ano findo. Principalmente no que se refere a releituras.

* * *

A lista é enorme: obras de José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, todo o velho Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, alguma coisa de José de Alencar, além de outros, êstes vivos, como Otávio de Faria, Adonias Filho, Gilberto Amado, Guimarães Rosa, Jorge Amado, cujo "Velhos Marinheiros" fêz-me a delícia de uma tarde chuvosa em Kumasi, a grande capital ashanti, por ocasião da minha primeira incursão pelo interior ganense, as reedições de Josué Montelo, a nova obra de Marques Rebelo, alguma coisa de Drummond, Bandeira e Vinicius.

9, fevereiro — No meio da tarde, que transcorreu calorenta e sufocante, recebi a visita do Embaixador de França. Veio a Tesano, onde fica a residência oficial do Embaixador do Brasil, apresentar-me congratulações pelo regresso. Como se o tempo não houvesse passado, e es-

tivéssemos num dos nossos primeiros encontros, fêz-me êle, por várias vêzes, pergunta que respondi com a evasiva de sempre.

— Mas, por que Quadros renunciou?

Pôs-me no conhecimento de tudo quanto aconteceu em Acra na minha ausência de dois meses. Informou-me sôbre os embaixadores recém-chegados, referindo-se com entusiasmo ao nôvo representante etíope. Ao despedir-se, disse:

— Somos os mesmos na Embaixada de França. Sempre a seu dispor.

O Embaixador Grousset — assim se chama êle — foi o primeiro, do corpo diplomático, a receber-me, logo que cheguei a Acra. Recordo-me bem: estava eu ainda no "Ambassador Hotel", esperando que o secretário Corrêa do Lago me fizesse entrega da residência destinada ao Chefe da Missão, quando recebi sua visita, quebrando êle assim o protocolo. Queria saber sôbre o Presidente Jânio Quadros, a quem muito admirava, esperando de mim a explicação que disse ter de existir para a renúncia. Num francês gaguejado, informei-lhe que na verdade fôra auxiliar do Presidente Quadros, exercendo porém funções sem relêvo, não sendo a importante personalidade ministerial que os jornais de Acra disseram, ao noticiarem a minha nomeação para Embaixador do Brasil em Gana. Êle não acreditou, exclamando, após convidar-me a falar em português, pois o compreendia muito bem, desde que domina perfeitamente o espanhol:

— Você é um homem privilegiado.

Dias depois era eu convidado a jantar na Embaixada de França, oportunidade em que apresentou-me ao mundo diplomático, pois convidara quase todos os embaixadores com o objetivo de mostrar-me. Tornamo-nos grandes amigos e dêle recebi conselhos que muito me valeram. Vive êle sòzinho, entre livros, rememorando os bons tempos que serviu em Cuba. Conhece o Rio, São Paulo e o interior do Paraná e a sua grande ambição é servir como Embaixador no Brasil.

— Que país o seu — costuma exclamar. Tenho grandes saudades.

Sem data — Encontro Acra diferente, sem a atividade e a animação que lhe davam ares de grande capital. Parece vencida, para não dizer morta. Como que existe um esmorecimento geral, perdeu o dinamismo, não mais existe a vitalidade antiga. O ritmo é outro, tudo marcha lentamente. A Acra de hoje não é nem a sombra daquela cidade movimentada, alegre, espírito triunfal, de quando aqui cheguei pela primeira vez. Talvez seja conseqüência dos momentos difíceis passados com o clima de terror inaugurado por elementos da oposição fantasma a Nkrumah, os quais atentaram vêzes seguidas contra a sua vida, no ano passado. Predomina a incerteza, algum mêdo, existe sem dúvida retraimento e aguarda-se modificações de métodos e linguagem. Mas, não nos precipitemos.

* * *

Tenho algum afeto por esta cidade sem beleza. Conheço-a relativamente bem, graças aos préstimos do estudante Daniel Oku, de quem por muito tempo vali-me como cicerone. Aparecera-me êle certa manhã, oferecendo-se para ensinar-me o tw, dialeto predominante em Acra. Manifestei-lhe, no terceiro ou quarto dia, fazendo uso do meu escasso inglês, ansiedade em melhor conhecer a cidade, que à primeira vista parecera-me difícil e secreta. Foi, assim, guiado pelo estudante de leis Daniel Oku, cujo paradeiro ignoro, pois desapareceu-me repentinamente sem qualquer explicação, que alcancei a desejada intimidade com certos meios e ambientes, possibilitando-me a ambicionada convivência, impossível sem êle, meu verdadeiro introdutor na vida de todo o dia, no cotidiano de Acra. Agora, de regresso, recordo na solidão de Tesano, as nossas andanças, conversas e contatos. Identifico, pela cidade que me revelou, muito diferente daquela que os estrangeiros preferem, um sentimento de quase afeto. Jamais, porém, conseguirei adaptar-me por

inteiro, pois para tanto seria necessário desligar-me de meu mundo, aderindo a concepções, hábitos e costumes estranhos aos que orientaram a minha formação cultural. Não podia ser de outra forma. Mas organizei a vida de forma a que êsse choque não comprometesse a missão que me cabe neste mundo vário e difícil, muito mais distante de nós, negros de outras latitudes, do que geralmente se imagina.

* * *

Como não podia deixar de ser, fizeram-me no Brasil tôda espécie de perguntas sôbre a África em geral e Gana em particular. Muitas delas me irritaram, porque inspiradas na mais completa má vontade ou ignorância. A verdade é que ainda muito pouco se sabe em meu país, sôbre o que realmente se passa em África. Ocorre, por outro lado, o mesmo fenômeno de parte dos africanos, para conosco. A ignorância é quase absoluta. Cumpre, ainda, registrar que, tôdas as revelações que lhes fazemos, quer sôbre a nossa extensão territorial, quer sôbre as nossas riquezas, quer sôbre o nosso desenvolvimento, quer sôbre a nossa vida em geral, provocam espanto, quando não incredulidade. É difícil ocorrer, por exemplo, pronunciamentos como o feito recentemente, por Houphouet-Boigny, da Costa do Marfim, sôbre o mundo latino-americano, situando o Brasil como o grande líder, por motivo de suas potencialidades. Uns e outros porém, lá no Brasil e aqui nas Áfricas, poderão justificar a ignorância do que seja o Brasil na América e Gana na África Ocidental. Embora diga-se que os dois mundos se aproximam, por interêsses comuns, são porém outras as influências que, no momento, prevalecem em suas relações, negócios e ambições. Sim, ainda por muito tempo, mas por muito tempo mesmo, os Estados independentes da África dependerão das chamadas metrópoles colonialistas, pois a elas permanecerão vinculadas. A grande África, a de expressão francesa, grande pelo número de países que a constituem, como também pela expressão de muitos dêles, depende de Paris, e não quer viver sem

Paris, embora isso não signifique que zele ciosamente pela recém-conquistada Independência.

* * *

Tive que repetir, vêzes sem conta, que espécie de cidade é Acra, como também a vida que aqui se leva. Tentei fornecer imagem a mais fiel possível da primeira, como também idéia a mais aproximada da segunda. Agora verifico, porém, ou melhor, vem-me a sensação de que uma e outra, embora não tenham sido falseadas, ficaram longe da realidade. Não fui verdadeiro, por exemplo, ao dizer que não é a mais autêntica capital africana, mas também não fui inverídico. Isso porque, não sendo autêntica cidade africana, ela o é, porém, muito mais genuína do que Dakar e Abidjan, por exemplo. Estas duas capitais, sem dúvida, sofreram mais a influência européia, influência que lhes alterou por completo a fisionomia, destruindo os seus traços mais característicos. Acra é feia, descontínua, sua arquitetura muito pobre, mas guarda elementos de uma cultura e civilização que lhe possibilitará a conquista de um harmonioso equilíbrio, que não estará no bonito apenas. Já se pode ter dêle uma idéia, basta para isso deslocar-se a Tema, o povoado de pescadores que foi destruído e em seu lugar edifica-se verdadeira cidade, cujo planejamento concilia as exigências do moderno com a tradição. Ainda não fui até lá, desde o meu regresso, amanhã porém eu irei, caso não chova. Conheço-a bem, suas ruas simétricas e muito limpas me são familiares, seus restaurantes também, os locais onde se dança o High-life ao ar livre. Tenho o propósito de voltar a Tema ainda muitas vêzes, muitas e muitas, onde realmente se entra em contato com o autêntico urbanismo ganense, ou melhor, com o estilo nacional de Gana.

* * *

Acra, pois, feia e desarmônica, é mais genuína do que outras capitais, além de ser mais representativa, sendo

como foi, e como ainda o é, o grande centro irradiador do nacionalismo africano, cenário das conferências e dos encontros que mais influíram no aceleramento do processo de descolonização. Não é uma cidade sem história, tem um passado que lhe empresta orgulho e substância. Muito antes dos europeus se instalarem em suas praias, com os seus castelos e fortes, o que começou a ocorrer no Século XIV, Acra já tinha história, era um dos centros mais importantes do período pré-colonial, ainda agora insuficientemente conhecido, pois muitos historiadores europeus consideram a história africana apenas a partir da presença dos ocidentais no Continente Negro. Para êles a África não tem História a não ser a partir da colonização, considerando-a antes daquele período apenas como terra de tribos incapazes de progresso, em perpétuas guerra de destruição. A verdade, porém, é muito outra. Graças aos esforços de pesquisadores da História africana, destacando-se entre êles estudiosos nascidos na própria África, começamos a conhecer as grandes civilizações que se desenvolveram no Continente Negro, seus períodos de grandeza e de declínio.

* * *

Acra nasceu à beira-mar, à sombra dos coqueirais, onde séculos depois os europeus plantaram um castelo e dois fortes, os quais ainda existem, o primeiro servindo de residência oficial, os outros dois de prisão. Trata-se do Castelo Osu e dos fortes St. Jammes e Ussher. A capital foi organizada em função do castelo e dos fortes, surgindo armazéns de aspecto sinistro, mercados lúgubres, blocos irregulares de moradias quadradas e maciças, formando vielas, travessas e becos, nunca porem ruas. A uma dessas vielas foi dado o nome de Brasil, exatamente onde fica o casarão em que hospedou-se o primeiro escravo da Costa do Ouro repatriado de nosso país, fundador da comunidade "Tá-bom". Nesta velha Acra, sobrevivência de um período sombrio, ensebada e de odôr vário, vivem centenas de ganenses como se nada

pràticamente tivesse mudado na capital do mais rico e desenvolvido país negro. Amontoam-se em frente das moradias, na mais completa promiscuidade, semi-nus, entregues a tôda espécie de afazeres, luzidios e ruidosos, fazendo-se entender através de seus dialetos, do inglês conhecendo apenas algumas palavras que tornam ininteligíveis. Mas a outra Acra, que cresceu e prospera em ritmo acelerado, esta deu as costas ao mar, procurou os parques, alargando-se depois para a planície, atendendo às necessidades de uma população cada vez mais variada, cinco por cento proveniente de tôdas as partes do mundo, população que hoje alcança 400.000 habitantes, para uma área que cada vez mais se amplia, de maneira irregular, sem planejamento, fragmentada em dezenas de lotes, a maioria dêles escondidos, ou abrigados, em bosques, escolhidos pelos europeus para edificar suas moradas, onde muitos se perpetuam levando vida de hábitos trazidos de suas cidades de origem, mas num terrível ambiente de frustração, imitados, o que parece incrível, por certos grupos de ganenses atingidos por deletéria influência. Estou, até certo ponto, familiarizado com a vida nesta cidade que considero secreta e à qual, repito, como já o fiz noutra parte, tenho afeto. Sua gente, os naturais do lugar, é comunicativa, ruidosamente alegre, como também a de nível mais elevado em tôda a área atlântica. Sabe divertir-se, é simples, quase ingênua, gosta de côres espetaculares, seus trajes típicos são de uma beleza e riqueza únicas, principalmente quando se trata do **kenté**, do tradicional **kenté** tecido à mão, peça única, que o homem atira sob o corpo, ajustando-o de um golpe, que lhe cai soberbo, ao modo de toga, deixando-lhe o ombro direito nu. O ocidental, pois, leva uma vida de hábitos trazidos de fora, que não abandona, ou não pode libertar-se, a exigir o que, de forma alguma, poderia uma capital africana lhe dar. Mas há exceções, muitas exceções. Gosto do ganense, acho-o natural e espontâneo, gosto do ganense, repito, apesar de tôdas as diferenças que nos caracteriza, negros que somos de civilizações diferentes.

13, fevereiro — Compareci esta tarde à minha primeira recepção diplomática, após reassumir o pôsto. Foi no Alto Comissariado do Canadá, onde encontrei pràticamente os personagens de sempre. Conheci porém o famoso Martin Appiah Danquah, o cérebro da política cacaueira de Nkrumah. É um homem simpático, sorridente como todo ganense. Falou de seu desejo de nova visita ao Brasil, dizendo guardar boas recordações da Bahia. Estêve êle em Itabuna e Ilhéus, correndo parte da zona cacaueira. Conversamos longo tempo, perguntando-me êle, a certa altura, se era verdade o que diziam sôbre os meus antepassados. Queria, aliás, saber ao certo se realmente os meus bisavós foram **ewes** ou **ashantis,** respondo-lhe eu ignorar se procediam mesmo de uma das duas raças.

— De qualquer forma, deve sentir-se em casa, não? — indagou, com uma gargalhada.

* * *

Refletindo sôbre a frase de Martin Appiah Danquah, chego à conclusão de que, por motivos vários, todos relevantes, eu não poderia sentir-me em casa. Nem mesmo por ser negro, considerado descendente de africano. O meu mundo é outro, como também a minha civilização, apesar de todos os pontos de contato e familiaridades existentes entre os dois universos. Tudo, porém, que se passa aqui, interessa-me fundo, pois sou daqueles que têm a preocupação do seu Continente e da África. Diligenciei, desde o início de minha missão, estabelecer convivência que me facilitasse o conhecimento mais íntimo do povo e da terra. Alcancei penetrar em camadas as mais heterogêneas, privando com todo tipo de gente em seu viver cotidiano, familiarizando-me com costumes e coisas, que apenas conhecia através de leituras. Não me interessava o típico, não busquei o exótico, mas sim a verificação de uma realidade. Queria conhecer e compreender, através a dimensão do humano, sem quaisquer outras pretensões. Desejava, como o fiz todo o tempo, durante quatorze meses, e como desejo continuar fazen-

do, viver com o africano, sentir-lhe os problemas, velhos e novos, de ontem e de hoje, pois repito que pertenço a um outro universo, sou negro de outra civilização. Possuímos muito em comum, sem dúvida, mas também muito em contrário. O que há em comum faz de nossos dois mundos uma comunidade natural que as dissemelhanças nunca chegarão a frustrar. O mundo é outro, não estou apontando novidade, o povo também, mas nos completamos, não só pelos interêsses que temos em comum, mas por muitos laços e aspectos, postos aliás em evidência por etnógrafos, folcloristas, historiadores, diplomatas e escritores. Já disseram e comprovaram que raízes étnicas e culturais nos aproximam. Por isso temos um lugar neste outro lado do Atlântico, onde se desenrola o que se convencionou chamar de intenso drama, cujos povos apresentam-se mais e mais reivindicativos, em sua vertiginosa ascensão, do qual o capricho do destino, ou de um homem, não sei bem, fêz-me testemunha de corpo presente.

* * *

Uma das muitas curiosidades a que tive de atender. ao longo dos dois meses de férias, no Brasil, foi essa a respeito de como me sinto em Gana e a maneira dos africanos me tratar. Indagação a êsse respeito, aliás, foi-me feita aqui mesmo, no inverno passado, por um brasileiro delegado à Assembléia em Acra. Lembro-me bem de como aconteceu: estávamos os dois sentados à uma mesa, no bar ao ar livre do "Ambassador Hotel", no fim de tarde muito fria, varrida pelo terrível vento úmido de junho. Depois de mostrar-se surprêso com o visto até então — tinha três dias apenas de Gana — acentuando que nada, absolutamente nada, correspondia ao imaginado ou ao lido, perguntava se tinha eu idéia de escrever um livro sôbre o que chamou de formidável experiência, demonstrando então sua curiosidade sôbre como me sinto e que tratamento me é dispensado. Refletindo agora a respeito, chego à conclusão, ou melhor, verifico que, ao longo destas notas, quase que não tenho

feito outra coisa senão registrar o meu comportamento e a atitude do africano diante de mim, negro de outro mundo. Os comentários que deixei acima, a propósito da observação de Appiah Danquah, em parte representam a reprodução do dito em atendimento àquela curiosidade. Evidentemente, sinto-me como um estranho, do ponto de vista cultural, solidário, porém, repito, a tudo quanto aqui acontece, relacionado com a defesa das reivindicações de um povo que me é caro por muitos motivos, mas não apenas por ser um povo negro. Quando, por exemplo, digo que não posso sentir-me em casa, explico que assim acontece por ser um homem de outro universo, embora tenhamos em comum muitos dos problemas que nos preocupam e orientam nossa maneira de ser. Quanto, porém, à maneira de me tratarem, não podia ser outra, senão essa de simpatia e aceitação. Muitos afirmam que devo ao fato de ser negro os poucos sucessos alcançados, como Embaixador do Brasil num país cuja tônica é a afirmação do negro em tôdas as frentes e oportunidades. Tenho, sem dúvida, recebido tratamento carinhoso, ao ponto de personalidades, como o Embaixador Dei-Anang, entre os mais destacados colaboradores de Nkrumah, ou como o Ministro Krobo Edusei, ou como o eficiente funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Richard Akwei, tratarem-me em público de irmão, exclamando com espontânea simpatia:

— Alô, irmão? Tudo bem, irmão?

Domingo — A Universidade de Gana, vista assim à noite, parece suntuosa cidade abandonada, com alguns de seus edifícios fantasmagòricamente iluminados. Estive num dêles esta noite, de onde acabo de voltar e onde jantei, na qualidade de convidado especial do professor O. A. Esta foi a segunda vez que ali compareci nessa qualidade, a primeira há mais ou menos um ano, também por gentileza sua para com o Embaixador do Brasil, a êle apresentado pelo leitor brasileiro Vivaldo Costa Lima. Naquela oportunidade, como nesta de agora, o ilustre professor ganense, reafirmando destemida oposição ao regime de Osagyefo, como é chamado Nkrumah,

exclamou patético depois de ousadas e candentes críticas:

– Pobre destino o de Gana.

A impressão que me ficou, ao ouvir novamente as suas críticas e ao reexaminar a sua atitude, foi de que, faça o que fizer Nkrumah, a opinião de homens como o professor será sempre a mesma, jamais se modificará. Parece haver certo ressentimento, da parte da elite intelectual, para com Osagyefo, talvez por êle os ter ignorado, ou por considerá-los incapazes da colaboração de que necessitava, ao lançar as bases de seu regime, e necessita agora para a sua grande obra administrativa e política. Pensando melhor, embora seja o professor representante típico dessa elite, de formação européia e alimentada por princípios e escrúpulos que não podem ser levados em conta por um dirigente africano, diferencia-se um pouco dos demais, pois alguns dos motivos que o levam a esta oposição sem tréguas, melhor examinados, parecem procedentes. Contudo, muito do que o leva a lamentar Gana, não deveria ser objeto de críticas num país africano, pois tudo aqui é diferente, muito diferente — e tem que ser mais ainda diferente. Pareço ouvir, no silêncio e solidão de Tesano, a réplica do denodado professor:

— Tudo está muito bem, mas depende da direção que seja tomada.

* * *

Quando demos entrada no refeitório do "Akuafo-Hall", os estudantes que o superlotavam ergueram-se a um só tempo. Houve um murmúrio geral, voltando todos um olhar curioso para o Embaixador negro do país branco. O cortejo dos professôres, do qual eu fazia parte como convidado especial, dirigiu-se lentamente para a **high-table**, enquanto eu relembrava pergunta que me fôra feita há pouco mais de ano, quando ali estivera pela primeira vez. Após o jantar e depois da palestra no "Salão dos Mestres", fui levado ao pátio, sendo apresentado a

alguns estudantes. Um dêles, Kwesi Enu Ansah, que veio a ser meu professor de inglês e terminou como meu melhor informante sôbre a vida e as coisas africanas, formulou-me pergunta que Vivaldo Costa Lima, servindo de intérprete, vacilou em traduzir:

— Não há discriminação racial no Brasil?

A presença do Embaixador negro não lhe parecera talvez prova da inexistência da discriminação racial — e se assim pensou tinha razão. Nem a presença do Embaixador negro nem a mistura de brancos e pretos, na guarnição do "Custódio de Melo", que dissera êle haver visitado, quando da passagem do navio brasileiro pelo pôrto de tema. Esperou minha resposta como se a sorte de alguma coisa que lhe fôsse muito cara dependesse do que lhe dissesse eu. Em condições diferentes, sem a responsabilidade de que estava e continuo investido, seria fácil dar uma resposta. Dissesse o que dissesse, na qualidade de simples cidadão, representaria a opinião de um homem comum, entre setenta e sete milhões de brasileiros.

— Não precisa responder — fizera, diante do meu franzir de sobrôlho.

E não voltou mais ao assunto. Eu, porém, quisera lhe pintar o quadro exato, sem tirar nem acrescentar, revelando-lhe a verdadeira fisionomia de meu país, nesse particular. Não seria dizendo que no Brasil todos têm a sua oportunidade que eu lhe provaria qualquer coisa. O meu intuito, também, não seria provar coisa alguma, mas apenas usar de sinceridade, fugindo de exibir-me como exemplo. Pois foi a sua pergunta que, enquanto nos dirigíamos para a **high-table,** veio-me à memória. A pergunta de um ausente. Encontra-se Ansah em Paris, fazendo jus a uma bôlsa de estudos concedida pela UNESCO. Deverá regressar à Gana dentro de dois anos. Será, sem dúvida, um dos futuros dirigentes de seu país, pelo preparo a que se submete, pelo fervor com que discute os problemas e as necessidades africanas, pela paixão com que encara o futuro dos povos negros.

19, fevereiro — Continuam as decepções. Mais um que me falha, precisamente aquêle em quem eu mais confiava. Não desejo, porém, ocupar-me aqui do assunto. O meu propósito é apenas registrar que não passa de drama o que todos consideram conquista: ser Embaixador. Da mesma forma que afastei de cogitação, nestas notas, quaisquer dos problemas da Embaixada, repito não desejar ocupar-me das decepções que tenho sofrido, de parte daqueles que, talvez por ser eu o Embaixador, procuram criar tôda espécie de obstáculos em meu caminho, dificultando ainda mais o desempenho de funções que já são difíceis por natureza. O período porém que prometi a mim mesmo permanecer no pôsto eu o cumprirei — haja o que houver. Sei que não conto com quem quer que seja, no Brasil, que no Itamarati não tenho cobertura, que o Presidente da República nem se lembra de suas Missões em África, que ninguém nos atribui importância. Diante dêsse lamentável panorama, por que teimar em permanecer?

* * *

Felizmente, nem tudo é motivo de amargura. Recebo carta do Brasil, dando notícia dos estudos de meu filho Roberto. Foi um confôrto, nesta manhã depressiva. Que Deus o ajude, e, por outro lado, que lhe tire da cabeça a idéia de ingressar na carreira diplomática. Sei o que sofrerá, por ser negro...

20, fevereiro — Encontro Vivaldo Costa Lima na Chancelaria, à minha espera. Veio de Ibadan, Nigéria, a fim de liquidar alguns assuntos seus. Deve partir dentro de uma semana para o Brasil, onde permanecerá por seis meses ou para sempre. Depende dos problemas que criar, com o seu temperamento explosivo. Tenho para com êste homem cheio de arestas e nós pelas costas uma dívida de gratidão, pois sua colaboração foi-me de grande valia logo que assumi o pôsto. Recebi dêle, que na oportunidade começava o seu chamado leitorado na Universidade de Gana, a assistência que outros, como o Secretário Cor-

rêa do Lago, deveriam me ter dispensado por obrigação funcional, pelo menos. Lamento, porém, que Costa Lima não seja homem afeito ao diálogo. Sua presença, não obstante, é indispensável em qualquer promoção nossa, de ordem cultural, seja em Gana, na Nigéria, no Dahomé, no Togo, no Malí, no Alto Volta ou no Níger, pois vastos são os seus conhecimentos dos costumes e da psicologia dos povos destas regiões. Eu o quizera diferente, no que se refere ao gênio, pois realiza um trabalho de pesquisa sem igual, não havendo nêle apenas a paixão de saber, mas também um interêsse humano sem medida.

* * *

Qual é, porém, a sua África, a que o empolga e apaixona? Não é esta de hoje, mas sim a tradicional, com os seus sultanatos, suas tribus e clans, suas inumeráveis línguas e dialetos, suas religiões, seus agrupamentos étnicos, que prefere à realidade viva do momento, dramática realidade. Sua experiência, porém, é valiosa em qualquer circunstância, pois não se pode, evidentemente, ocupar-se do momento africano, sem básico conhecimento da África tradicional. Corre-se o risco de cair no abstrato, ou no arbitrário, ao examinar-se os problemas de hoje, ignorando-se os de ontem.

* * *

Vivaldo Costa Lima pode ser apontado como um estudioso que, mergulhando fundo em pesquisas culturais e históricas em África, colaboram de forma efetiva em campo para o qual os novos Estados voltam as suas atenções com redobrado empenho. Há no mundo dos povos negros, como não podia deixar de haver, nesta fase de afirmação do que chamam de personalidade africana, plena tomada de consciência de seu passado histórico, como também de sua herança cultural, que procuram divulgar em tôda a extensão e riqueza. Conheço pessoalmente algumas das personalidades que têem a seu cargo o gigantesco trabalho de inventário, coleta e classificação, daquêles do-

cumentos, oriundos do estrangeiro ou originários da própria África, que servem de veículo à elaboração da verdadeira História dêsses povos em plena reabilitação, História até aqui insuficientemente conhecida. Entre essas personalidades, destacam-se **Nana** Kobina Nktsia, da Universidade de Gana e Kofi Antubam, do Achinota College. Ambos, nos colóquios que mantivemos, provaram-me como é realmente cheia de sentido a frase de que não se pode ocupar-se do momento africano sem básico conhecimento do passado. Melhor do que ninguém, desenvolveu **Nana** Kobina Nktsia a tese de que a História africana constitui um dos fundamentos da consciência nacional em formação. Estudiosos e pesquisadores, pois, como Vivaldo Costa Lima, com a sua atuação, projetam-se como dignos do maior aprêço de homens como os dois que venho de citar, pela colaboração que prestam, juntando o seu ao esfôrço desenvolvido no sentido da reafirmação dos valôres antigos de um mundo que renasce. O seu trabalho no Dahomé, na Nigéria, no Togo e aqui em Gana, no campo das pesquisas religiosas, nas primeiras sociedades africanas e suas sobrevivências na dinâmica da sociedade de hoje, são também do interêsse do Brasil, tendo em vista a presença de sobrevivência de cultos e hábitos em várias regiões nossas, levadas por príncipes e sacerdotes, que pisaram nosso país como escravos, provenientes de reinos existentes na área do Benin, que como se sabe manteve por muito tempo variado tráfego com as costas brasileiras, área onde, ainda hoje, predomina a chamada elite brasileira, constituída de descendentes de escravos.

Sem data — Apareceu-me em Tesano, um dia dêsses, cidadão muito falante, grandalhão e simpático, que me fôra apresentado meses antes como descendente de brasileiros.

— Sou do povo Tá-bom — esclarecera êle, complementando a apresentação.

O seu nome é Ciril Fiscian, professor da Universidade de Gana. Referiu-se, nessa nova visita, à passagem do

"Custódio de Melo", pelo pôrto de Tema, em 1961, cumprindo etapa do cruzeiro africano traçado pelo Presidente Jânio Quadros. Recordou as cerimônias levadas a efeito, as passeatas, a retreta defronte do "Ambassador Hotel" e o baile realizado aqui nos jardins de Tesano.

— Foram dois dias de grande animação. Igual só quando das comemorações da Independência — acentuou o professor.

Enquanto o escutava, relembrava aquelas promoções, organizadas pelo Secretário Corrêa do Lago, apesar de tudo um homem de iniciativas e idéias, promoções tendo em vista tirar o melhor proveito da presença do navio. Conseguiramos, inclusive, arrancar Osagyefo de sua fortaleza, o "Flagstaff House", onde ficam os seus gabinetes, para uma visita à belonave, apesar do perigo de vida que corria, com a situação política tensa. Estava eu com apenas três semanas de Gana. Segundo anotação tomada na época, sôbre impressões e idéias gerais dos primeiros tempos de África, registrei o seguinte, que a visita do professor Fiscian veio relembrar, agora em meu regresso: "A exposição flutuante de que o navio era portador não deixou grande impressão. O ganense interessou-se muito mais pela nossa música popular, que Osagyefo ouviu atentamente, com expressão de quem escuta um ritmo que não lhe é estranho, no concerto que lhe foi oferecido à bordo, na manhã mesma da chegada do "Custódio de Melo". Grande foi o seu interêsse não só pelos ritmos, mas também pelos instrumentos de percussão, chegando a examinar alguns dêles, intrigado com as semelhanças com alguns instrumentos muito comuns na África Ocidental. Em todos êles, porém, algo de diferente foi acrescentado, provocando quase que a sua modificação, pois não desapareceu de todo a sua marca de origem. O mesmo fenômeno se passara com os ritmos que Osagyefo ouvira, a um só tempo semelhantes e diferentes dos ritmos africanos, fusão de elementos que exprimem com fidelidade a experiência brasileira e atestam a nossa riqueza cultural".

O professor Ciril Fiscian relembrou-me a homenagem prestada pela comunidade "Tá-bom" ao Embaixador do Brasil e respectiva família, dizendo não ter comparecido por motivo de doença. Vale a pena rememorar a recepção, pelo significado de que se revestiu. Tudo correu assim: um ganense falando excelente português, cujo nome me escapa no momento, procurou-me certa manhã na Chancelaria, para informar-me do desejo da comunidade brasileira em Acra. Combinamos, para o dia seguinte, encontro com um personagem devidamente credenciado do chamado povo "Tá-bom", o Reverendo G. K. Nelson, capelão do Exército de Gana, que me ofereceu breve informe sôbre a fundação e desenvolvimento da nossa comunidade. Acertamos para dias depois visita minha à **Casa Azuman,** registrando-se assim o meu primeiro contato oficial com os chefes dos grupos descendentes de brasileiros. Semanas depois os dirigentes da comunidade, com exceção do Chefe Azuman, por ser paralítico e não poder locomover-se, retribuiram-me a visita protocolar, comparecendo incorporada a Tesano, acompanhada do intérprete. Fui, então, convidado, para comparecer, dentro de trinta dias, à concentração que a comunidade realizaria, quando então teve lugar a homenagem ao primeiro Embaixador do Brasil na África Negra. Esta realizou-se no dia 13 de abril de 1961, iniciando-se às 16,30 horas, com discursos e vivas em Ga, dialeto dos "Tá-bom", traduzidos para o inglês por Mettle — Nuno Peregrino e para o português ora por Gasparino Damata, ora por Lídia Magnoli, funcionários da Missão Diplomática brasileira. Compareceram à homenagem mais de trezentas pessoas, as mulheres com seus trajes típicos, em côres verde e amarelo. Presidiam a festa, em seus respectivos tronos, abrigados sob monumentais e luxuosos "guarda-chuvas", representativos de sua qualidade de chefes, o **Nii** Azuman II, **Na** Ibiana I e o Príncipe Regente Fortunato Antônio Nelson. Coube-me, a mim e à Embaixatriz, tratamento dispensado sòmente aos Chefes mais antigos, ocupando ambos os tronos dos fundadores da comunidade. À certa altura da homenagem, que durou duas horas, fomos levados ao filho do líder da comunidade, que chegou a Acra em 1836 e ao mais velho

Chefe tribal da capital ganense. Foram entoados, ao longo da homenagem, velhas cantigas baianas, ainda lembradas pelas mulheres de mais idade, que dançavam e faziam reverências a mim e a Idoline. Gasparino Damata não se conteve e caiu na dança, sob vivas de todos. Para finalizar a homenagem, que teve caráter eminentemente africano, prevalecendo porém sobrevivências de costumes e coisas trazidas da Bahia, os Chefes pediram a Idoline para que fôsse ao terreiro dançar, atendendo ela sem qualquer constrangimento, sob aplausos e ao som de uma velha cantiga baiana, com o refrão "Viva Iáiá, Viva Iáiá". Minha mulher, teve honras de Rainha, foi acompanhada de dois pagens que conduziam os emblemas da comunidade. As mulheres mais idosas jogaram sôbre os seus ombros lenços de sêda e batas multicores caprichosamente trabalhados em ouro. Ao voltar para o seu lugar, escutei-a pedir a Gasparino Damata para traduzir para a Rainha Ibiana:

— Diga a ela, Damata, que êste é o meu dia mais feliz em Gana.

A homenagem terminou ao cair da noite, quando Lidia Magnoli, em nome dos funcionários brasileiros da Embaixada, ofereceu à comunidade, com a minha licença, a primeira bandeira brasileira usada na África Negra, quando da instalação, pelo diplomata Sérgio Corrêa do Lago, da nossa Missão Diplomática em Acra.

Considero o informe do Reverendo G. K. Nelson, sôbre a comunidade brasileira de Acra, documento de maior importância, o primeiro produzido por um africano sôbre uma comunidade fundada por escravos repatriados do Brasil. Ei-lo, em tradução de Gasparino Damata, que durante ano e meio funcionou como adido de Imprensa da Embaixada do Brasil em Gana, prestando relevantes serviços:

"Em Acra, capital de Gana, existe uma comunidade bastante respeitável, formada por diversas famílias originárias do Brasil. Segundo os historiadores, essa primeira leva de emigrantes brasileiros chegou aqui por volta

de 1836, mas primeiro essa gente estabeleceu-se na Nigéria. Lá muitos se casaram com nigerianos, razão por que na Nigéria ainda hoje há famílias com nomes bem brasileiros. Por exemplo, os De Souza, os Peregrinos, os Da Costa. O chefe desta comunidade atendia pelo nome Mahama Sokoto, nome nigeriano, ou possìvelmente nome brasileiro pronunciado e escrito à maneira da terra.

"Êsses brasileiros falavam o português, mas entendiam e falavam o iorubá e o haussa, idiomas da Nigéria, e em Acra ficaram conhecidos por "Tá-bom", expressão que usavam amiudadamente. E por "Tá-bom", corruptela de "Está bom", são conhecidos até hoje.

"Segundo contam os mais velhos, os brasileiros ficaram de tal maneira encantados com a acolhida que tiveram em Acra, pela hospitalidade a êles dispensada pelos ganenses, que decidiram não mais voltar à Nigéria. Por sua vez, o povo de Acra achou que os "Tá-bom" eram progressistas, de boa índole, trabalhadores e donos, até certo ponto, de cultura própria, e tudo fizeram para retê-los na capital. Por exemplo, algumas casas que os brasileiros construiram em Acra ainda se acham de pé, perfeitas ou em ótimo estado de conservação, sendo que algumas delas, até recentemente, serviam de residências (palácios) de alguns chefes tribais de Acra. Êles foram, na verdade, os nossos primeiros grandes arquitetos do passado, e foram também excelentes alfaiates. Até hoje, em Acra, são tradicionalmente respeitados como **oficiais de corte** e suas mulheres como excelentes costureiras.

"Os brasileiros eram pessoas de inteira confiança e por essa razão os filhos da terra lhes confiaram grandes pedaços de terreno cultiváveis. Nêles fizeram hortas e plantaram manga, côco-da-Bahia, grande variedade de feijão e mandioca, que aqui passou a chamar-se **cassava.** E mais tarde, em sinal de reconhecimento por sua lealdade e dedicação, os grandes chefes tribais de Acra resolveram elevar um dêles ao pôsto de **Akuashong Tse,** capitão encarregado de sete companhias no território Ga. Naquela ocasião, tanto o título como o pôsto só eram dados a pessoas que o mereciam por que eram importantes.

"Uma das coisas que mais distinguiram os brasileiros da comunidade de Acra foi a sua consciência religiosa, de tal maneira levavam a sério a religião, qual ela fôsse. Muitos eram muçulmanos e, segundo os pesquisadores, concorreram de maneira decisiva para o estabelecimento do maometanismo em tôda a Costa do Ouro (hoje Gana). Já outros praticavam um culto religioso chamado **shango,** que não desapareceu ainda de todo em Acra, onde ainda hoje se podem ver alguns terreiros e casas semelhantes às da Bahia.

"A comunidade brasileira de Acra ainda hoje tem o seu rei e a sua rainha, figuras tradicionais reconhecidas pelos grandes chefes da terra e também pelos chefes da região Ga, que os tem na conta de sub-chefes. Em tudo que diz respeito à tradição de Acra e de Gana também, os brasileiros têm dado provas de absoluta lealdade".

* * *

O discurso de saudação do Embaixador do Brasil, pronunciado na homenagem que a comunidade brasileira de Acra prestou, pode ser relacionado, também, como o informe acima sôbre a História do povo "Tá-bom", entre aquêles documentos que, produzidos em África, servem de veículo a uma obra histórica. O legado da tradição está sendo, metòdicamente, transposto para escritos os mais variados, como por exemplo os que venho recolhendo sôbre as relações entre o Brasil e a África Ocidental, nos quais o passado está no presente e o presente no passado. É nesta categoria, pois, que classifico o discurso de Fortunato Antônio Nelson, regente da comunidade, discurso que se segue:

"**Excelências.** Em nome do Chefe, da Rainha e do povo que formam esta comunidade, em Acra, sinto-me honrado em dar as boas-vindas ao Senhor Embaixador R. Souza Dantas, do Brasil, a esta comunidade e também a Gana.

"Já é por demais sabido que a comunidade brasileira de Acra se compõe de descendentes dos imigrantes bra-

sileiros que sairam da Bahia e aqui chegaram em 1836. E como não poderia deixar de ser, foi logo desde o início nossa grande vontade, ao oferecer uma homenagem ao Senhor Embaixador, aproveitar a ocasião para render sincero tributo ao **Nii** Ankrah de Obtoblohum. Pois foi êle o nosso grande anfitrião, vez que hospedou em seu palácio os nossos antepassados que pisaram pela primeira vez em solo ganense (na ocasião a antiga Costa do Ouro).

"Nossos bisavós, por sua vez, logo adquiriram a amizade e logo se tornaram merecedores da grande estima do povo Ga, pois que muito ajudaram êste povo financeiramente e na luta contra os outros povos da terra.

"Nossos antepassados também contribuiram de maneira decisiva para o engrandecimento da vida social de Acra e de Gana, e foram êles que introduziram aqui muitos hábitos civilizados, como, por exemplo, o uso das roupas européias, o querozene.

"É bem verdade que nenhum de nós aqui presente já visitou o Brasil, mas isso não importa: continuamos a considerar o Brasil a nossa terra-mãe, e esperamos ansiosamente, Senhor Embaixador, por esta oportunidade de congraçamento, em Gana. E digo mais: nós nos sentimos no dever de lhe oferecer esta recepção, vez que o Senhor Embaixador é o representante legítimo de um país que nós consideramos, como já disse, nossa terra-mãe.

"E esperamos assim que, enquanto o Senhor Embaixador permanecer em Gana, possa contar com a nossa sincera ajuda a qualquer momento, mas lògicamente, sem infringir de leve sequer, a nossa lealdade ao Govêrno de Gana. E esperamos, também, que o Senhor Embaixador possa ajudar a qualquer membro desta comunidade, se aparecer ocasião para tal.

"Senhor Embaixador: o Chefe, a Rainha e os membros da comunidade brasileira em Acra lhe desejam uma estada feliz em Gana. Muito obrigado, **Fortunato Antônio Nelson,** Nii Azumah III".

23, fevereiro — Assisti, hoje à tarde, na Universidade de Gana, cerimônia histórica. O legendário W. E. du Bois, o patriarca do pan-africanismo, recebeu pessoalmente o título de "Doutor em Letras". Vim a saber, depois, que é dia de seu aniversário. Completa exatamente noventa e cinco anos. Vive êle em Gana há muito tempo, país que escolheu para morrer, considerando-o como o baluarte das idéias que lhe são mais caras. Gana é a terra que, a seu vêr, encarna todos aquêles ideais por que lutou e dos quais foi o grande teorizador. Em que estaria êle pensando, ao ser cumulado com as honras que a Universidade de Gana lhe regala, por decreto de Osagyefo? Talvez tivesse o espírito longe, nos idos de 1919 a 1945, consumidos por êle na organização dos primeiros congressos pan-africanistas, talvez estivesse a pensar em nada, sob o pêso implacável dos seus noventa e cinco anos. A espôsa, menos velha, mostrava-se impaciente pela demora da cerimônia. Encontrava-se a alguns passos da bancada reservada aos Embaixadores e por todos nós foi ela cumprimentada. Mostrava-se impaciente e não escondia o pavor à canícula, que poderia terminar por vitimar-lhe o marido. Ao ter que receber as insígnias, o grande homem, o herói pan-africanista, a personagem histórica foi beijada por todos os componentes da congregação, prorrompendo os universitários em hurras demorados.

24, fevereiro — Enquanto leio, nesta desolada noite de Tesano, sòzinho neste quarto sem lembranças da residência do Embaixador do Brasil, enquanto leio "A Mudança", segundo volume de "O Espelho Partido", de Marques Rebêlo, escuto pelo rádio o Carnaval do Rio. Estou à página 227, na qual o romancista registrou, com um acento gaiato: "21 de março — Ler demais foi a minha ruina!". Levanto a leitura e fico escutando a marchinha sincopada transmitida pela Rádio Tupi, fazendo mentalmente a seguinte observação: "Para mim, ler de mais, aqui, tem sido a minha salvação". E volto a mergulhar na "suma da época", que é o romance de Marques Rebêlo, no dizer de Otto Maria Carpeaux.

25, fevereiro — Leitura de "Les Damnés de la Terre". Muito se escreverá ainda sôbre o processo de descolonização, mas acredito que nenhum outro livro como êste de Frantz Fanon. Além de terrificante, pelos aspectos que passa em revista e analisa, como também pelos problemas que examina, é uma verdadeira apologia da violência. Para Frantz Fanon, a violência é a única arma viável contra o colonialismo. Através da introspecção e da observação, cheio de cólera e paixão, êle apresenta um quadro que se poderia dizer apocaliptico. Para êle, só há um valor, só uma arma, só um princípio: a violência. Afirma que a violência dos colonialistas só pode ser vencida pela violência. Livro terrível, que arrepia e arrebata. Realmente, a atmosfera da descolonização foi a da violência, continua sendo a da violência, será a da violência, mesmo quando ela pareça ausente.

27, fevereiro — Acabo de receber carta de quem jamais esperava me escrevesse. Trata-se do ex-deputado Coelho de Souza, que de Pôrto Alegre manda-me notícias. Referindo-se à viagem feita à África, na condição de Embaixador Extraordinário do Presidente Jânio Quadros, frisa êle: "...viagem mais fascinante ao meu espírito que as realizadas à América do Norte, Europa e Ásia — tanto que continuo voltado, espiritualmente, para êsse Continente". Lida e relida a carta, como também o recorte do artigo que me remeteu sôbre "uma política brasileira na África", fico a rememorar tudo quanto relacionou-se com essa viagem, a primeira providência efetiva do Presidente Jânio Quadros, visando a incrementar as nossas relações com as jovens Repúblicas africanas. A Missão Especial, chefiada pelo então deputado Coelho de Souza, fôra inspirada pelas conclusões do Grupo de Trabalho constituído no Itamarati com o objetivo de preparar a representação diplomática brasileira naquelas novas Repúblicas e elaborar a nossa política no Continente. Recordo-me do interêsse com que o Presidente, pessoalmente, aguardou as conclusões dos estudos do Grupo de Trabalho. Deu-se Sua Excelência oportunidade de conhecer o referido trabalho logo que

foi o mesmo remetido ao Palácio do Planalto, isso sem fazer qualquer recomendação, frisando apenas pretender enviar Missão Especial à África. Eu já sabia de sua intenção de atribuir-me papel importante na efetivação de sua política africana, cujas linhas gerais já eram conhecidas, através de pronunciamentos seus e de seu Ministro das Relações Exteriores, o Senador Afonso Arinos de Melo Franco. Pensei estar destinado a participar da Missão Especial, mas logo soube das verdadeiras intenções presidenciais. Certa manhã de abril foi Coelho de Souza chamado ao Palácio do Planalto. Meia hora depois, ao deixar o Gabinete, disse-me êle, na ante-sala onde eu trabalhava, com jeito trocista, mas evidentemente emocionado:

— Saio Embaixador para a África.

A Missão Especial seguiu viagem a 29 de abril de 1961, permanecendo em África até 29 de maio do mesmo ano, visitando Serra Leôa, Gana, Togo, Daomé, Nigéria, Camerun, Costa do Marfim, Guiné e Senegal. Nesse ínterim, fêz o Presidente Jânio Quadros a indicação de meu nome para primeiro Embaixador brasileiro em Gana, indicação que foi objeto do maior sensacionalismo. Deu-se na manhã em que o Chefe do Govêrno concedia a sua primeira entrevista coletiva no Palácio do Planalto, dirigindo-se êle a mim, ao fim das declarações, sorrindo com manifesta satisfação:

— Então, senhor Embaixador? Quero ação agressiva em seu pôsto.

Começou, então, o meu suplício, ou melhor dizendo, o meu drama. Tenho, ainda agora, presente ao espírito, as críticas e os reparos feitos à indicação do meu nome. Algumas delas amarguraram-me, porque inspiradas em preconceito racial. Recordo, como, na solidão de um apartamento em Brasília, procurei preparar-me o melhor possível. Trabalhei sem esmorecimento, fazendo uso de vasta bibliografia. Tive à minha disposição documentos e relatórios das mais variadas origens. Tomei-me de paixão pelo mundo que aos poucos desvendava, procurei

mergulhar fundo em seu passado longínquo, estudando as suas tradições e estruturas, ocupei-me de seus novos quadros jurídicos e institucionais. Enquanto isso, as críticas e os elogios se sucediam, a cujo éco tentei ficar indiferente. Alguns foram longe demais nos elogios, outros fora dos limites nas críticas. Sôbre a política africana pròpriamente dita, consideraram-na muitos como tempo perdido. Isso não só porque a África era tida como o nosso mais sério concorrente, como também porque os seus líderes em sua maioria estavam em marcha batida para o socialismo, como Nkrumah, a quem apontavam como jacobino e ditador. Os que elogiavam diziam ter o Brasil um lugar em África e destacavam a grandeza da política lançada e em desenvolvimento. Lendo o artigo de Coelho de Souza, cujo recorte veio anexo à sua carta, é como se estivesse a reco her, com dois anos de distância, que mais parecem dois séculos, o éco dos argumentos favoráveis. Muitos dêles me pareceram então exagerados. Agora, que melhor conheço êste mundo vário e mutável, ambíguo, desconcertante, parecem-me sem sentido. África difícil, difícil África, cujo destino é uma incógnita, cujo futuro ninguém pode prever. África das violências, cujo processo de descolonização põe à mostra suas grandezas e misérias, suas possibilidades e dificuldades. Contudo, se muitos dos argumentos a favor da política de influência na África estão caducos, outros mostram-se atualíssimos, como por exemplo êste de que deve ser seguida pacientemente, sem alardes, com realismo, com o mínimo de declaração de intenções e o máximo de promoções. Não tem havido, porém, nem uma, nem outra coisa...

1º, março — Começam a enfeitar a cidade, para as comemorações da Independência. As mesmas decorações dos anos anteriores, mal apercebidas pelo povo. Mas não será de outra natureza, essa indiferença? A verdade é que alguma coisa mudou. A vida torna-se cada vez mais cara, a miséria cada vez maior. Contudo, Gana é o país mais bem aparelhado, aquêle que oferece melhores perspectivas. As dificuldades passarão, pois além de ser bas-

tante rico, imensas as suas possibilidades de desenvolvimento econômico, os seus dirigentes empenham-se, com energia, comandados por Osagyefo, em plantar uma indústria verdadeiramente africana. Para isso, porém, tornam-se necessários sacrifícios imensos. Entre os projetos em realização, o que maiores sacrifícios têm reclamado é o da barragem do Rio Volta, que fornecerá energia para uma indústria nascente e diversificada.

3, março — Coquetéis, coquetéis e mais coquetéis. Exibem-se os Embaixadores, compenetrados e formais. Fauna na qual serei sempre um estranho, encarado talvez como um intruso. Há momento em que o entusiasmo abandona-me por completo, cedendo lugar ao mais profundo dos desânimos. Para que continuar aqui, com que finalidade? Apenas a de comparecer a coquetéis, coquetéis e mais coquetéis? Os planos envelheceram no fundo das gavetas, em pastas que estão amarelecendo sob o efeito da umidade constante e implacável. Tenho o refúgio das leituras, que cada vez mais se amiudam.

* * *

Leituras de Machado de Assis ("Dom Casmurro" e a seleção de contos), de José Lins do Rêgo ("O Moleque Ricardo" e "Usina"), Mário de Andrade ("Macunaíma") e dêste Lawrence Durrel que Sacroug, o excelente Joseph Sacroug, egípcio de qualidade, meu homem de confiança, emprestou-me há tempos. Pràticamente, só literatura. Houve dois ou três estudos sôbre a África de hoje, destacando-se "Les Damnés de la Terre", de Frantz Fanon.

Sem data — Tenho na cabeça a idéia de um romance, que me acudiu desde o regresso. Não me atrevo a escrevê-lo, limitando-me a imaginar algumas cenas. Vez por outra surpreendo-me a meditar-lhe o comêço, situando-o em lugares os mais diferentes. Por que não escrevê-lo, mesmo a título de exercício? Não estou mais na idade dos exercícios, por isso talvez o mêdo. Sim, deve

ser isso: o mêdo de não conseguir, mais uma vez, realizar a maior ambição. É terrível a certeza da própria mediocridade, mas não a encaro como um drama. Êste existe, passou a existir quando me investiram no alto pôsto que não desejei nem pedi. Daí então modificou-se a minha vida, cheia de altos e baixos, rica e pobre ao mesmo tempo. Mas, e o romance? Esperam de mim um livro de outra natureza, sôbre a minha edificante experiência africana.

7, março — Ontem estive com Osagyefo pela primeira vez, depois do meu regresso. Foi no banquete que lhe ofereceu o corpo diplomático, pela passagem do Dia da Independência. Pareceu-me envelhecido e cansado, o olhar entre meditativo e melancólico. Discursou, agradecendo a homenagem, ocupando-se, como sempre, de suas mais caras teses. A sua coerência é maior do que a sua visão da verdadeira realidade africana. Parte de sua grandeza, porém, reside nisso. Alguém, a meu lado, murmurou com admiração:

— Nkrumah e as suas miragens!

Tinha eu lido, exatamente pela manhã, num livro que faz o balanço de sua carreira, que o seu lugar na História africana já está assegurado. Graças às miragens dêste homem que realmente se considera um Messias (Osagyefo), começaram os africanos a marchar sem vacilação para um movimento que empolgou todo o Continente. Contudo, Nkrumah começa a perder a sua liderança. Mas ainda é cêdo para apontá-lo como um personagem de Museu. Acredito que Osagyefo, contràriamente ao que pensavam alguns, abandona o culto da personalidade, pelo programa, no que está a sua salvação.

* * *

A primeira vez que o vi pessoalmente foi num fim de tarde de outubro. Estavamos em 1961. Exatamente a 2 de outubro de 1961. Compareci ao Flagstaff House, onde ficam o seu escritório e a sua residência, para apresen-

tar credenciais, como Embaixador do Brasil. Preparara, na véspera, discurso falando nas raízes étnicas e culturais entre os dois países, como também reafirmando nossa posição de franco anti-colonialismo e de combate à discriminação racial. Escrevi-o no meu quarto do "Ambassador Hotel", onde permaneci por um mês à espera que fôsse desocupada, pelo Secretário Correa do Lago, a residência destinada ao Chefe da Missão, espera que se prolongou noutro local, o "Star Hotel", de ambiência genuinamente africana. Fiz-me acompanhar de todo o pessoal da Embaixada, valendo-me de um dêles como intérprete. Procurando dominar a emoção, escutei, perfilado, os hinos nacionais do Brasil e de Gana, executados pela Banda de Polícia, no pátio a um passo do Gabinete de trabalho de Osagyefo, onde o homem mais discutido da África Negra me esperava.

Osagyefo recebeu-me na sua sala de trabalho, pouco espaçosa e muito baixa, discretamente mobiliada. Via-se nas paredes um mapa geral da África, outro de Gana e fotografias de Nasser, Tito, Sukarno e também de Modibo Keita e Sekou-Touré. Lembrei-me de outro Gabinete presidencial, onde um homem em muita coisa parecido com êste outro, governou por pouco mais de seis meses, empenhado em luta que os aproximava. Nkrumah parecia preocupado, deu-me a impressão, por minutos, de que tinha o pensamento longe. Aos poucos, porém, desfêz-se-lhe o ar sombrio, surgindo em seus olhos expressão interessada. A certa altura interrompeu-me, para dizer, como se naquele momento exato lhe tivesse ocorrido a lembrança:

— Conheci seu nôvo Presidente — e perguntou, com um franzir de testa, como se chamava.

— João Goulart — disse-lhe.

— Eu o conheci em Pequim. Êle então era vice-presidente.

Contou como se deu o encontro, num banquete, dizendo da impressão que o então vice-presidente do Brasil lhe deixou. Passou daí por diante a comandar a conver-

sa, que durou mais de meia hora, ao invés dos dez minutos protocolares. Quiz saber tudo sôbre o Brasil. Ouvia-nos atentamente, observando a certa altura, em concordância com o que lhe havíamos dito, sôbre as similitudes entre os dois países:

— Somos realmente uma comunidade natural.

Ao sairmos novamente para o pátio, exclamava Osagyefo:

— Somos irmãos. Para o Embaixador do Brasil não há protocolo em Palácio. As portas estão abertas, a qualquer hora.

Vi-me novamente diante da Banda da Polícia, mas desta vez ao lado de Osagyefo, ambos acompanhados por todos quantos participaram da cerimônia de minutos antes. Segurando-me pelo braço, disse-me qualquer coisa que escapou ao intérprete, dirigindo depois um sinal aos músicos. A Banda da Polícia irrompeu com um high-life, a música popular da terra, cuja letra fala de Nkrumah, chamado pelo compositor de "show-boy", alcunha conquistada na luta pela Independência. O high-life é de ritmo contagiante, misto de merengue e rumba. Não sei como, mas foi muito de repente, Osagyefo ensaiou uns passos, eu outros, resultando todos, por minutos, a dançar, fato inédito no **Flagstaff House.** No dia seguinte, os jornais estampavam sensacionais flagrantes, considerados pelo Corpo Diplomático com espanto. Um jovem estudante, que muito me valeu como guia em Acra, o já citado Daniel Oku, disse-me compenetrado, após examinar as gravuras:

— Sabe quanto significa êsse gesto do Presidente? A dança tem para nós mais do que sentido cultural, ela é um elemento essencialmente religioso. Quando conhecer melhor os nossos hábitos e coisas, compreenderá.

Sem data — Pouco tempo depois, tive oportunidade de conversar sôbre alguns aspectos da Cultura ganense com um de seus mais qualificados conhecedores, o pintor, escultor e professor Kofi Antubam, a quem fui apresenta-

do por Vivaldo Costa Lima, na oportunidade de inauguração de mostra sua, no inverno passado. Interessado em ouvi-lo, conversei a respeito com Miss Paulina Clark, assessora presidencial e prestimosa amiga de minha família em Acra, dizendo-me ela ter sido aluna de Antubam e continuar privando de sua amizade. Pedi-lhe para levar-me ao mestre. Como tinha ela que viajar no dia seguinte em missão política, pois também é uma das dirigentes da ala-feminina do Partido da Convenção Popular, ficou de combinar encontro para outra oportunidade. Duas semanas depois reapareceu aqui em Tesano, de volta de sua viagem, com presentes para os meus filhos e a notícia de que Kofi Antubam esperava-nos no domingo pela manhã, em sua residência no **Achimota College,** onde ainda leciona. Estava êle à nossa espera e mostrou-se muito contente. Não demorou a que a conversa tomasse o rumo do meu interêsse. Logo abordamos temas artísticos. Exibindo-me um vaso ganense, de origem **Akan,** destinado a ritual religioso, chamou-se a atenção para o caráter eminentemente simbólico do mesmo. Disse-lhe do meu interêsse pela Cultura africana em geral e ganense em particular, olhando-me êle de viés, para replicar em seguida:

— Eu sei disso. Já me contaram sôbre as suas leituras na Universidade.

Como ainda o faço, duas vêzes por semana entregava-me à leitura da vasta bibliografia sôbre as artes e a cultura africanas, principalmente na África ao Sul do Sahara. Pedi-lhe que me falasse do passado e do presente da cultura ganense, assim expressando-se êle, depois de algumas considerações preliminares:

— Parece, se nos basearmos em pesquisas mais ou menos recentes, que fora das máscaras em madeira, das figuras representando deuses, dos objetos fundidos em ouro, do kenté, da música ao som do tam-tam, da poesia oral, dos provérbios, dos braceletes sagrados, dos colares, brincos e anéis, como também do singular palácio do principal Chefe de Wa, ao norte do país, a Gana do Século XX não herdou nenhuma pintura arquitetural, es-

cultural ou cerâmica, peças literárias ou musicais que se possa comparar favoràvelmente às realizações de outros países. Mas, isso apenas na aparência.

Perguntei-lhe, então, o que deveria ou poderia ser considerado como a contribuição particular de Gana à Cultura. Levantou-se êle e foi até um monte de pastas, escolhendo uma que trouxe consigo para a velha e gasta poltrona em que estava sentado. Enquanto examinava alguns papéis na pasta, ia dizendo que fizera recentemente, na Alemanha, palestra sôbre o assunto, passando então a resumir-me as suas passagens mais importantes.

* * *

Disse-me êle, com voz rouca e pausada, tudo me sendo traduzido pela boa e gentil Paulina Clark, em seu excelente francês:

— O visitante entra em contato, a todo instante, com os símbolos da cultura tradicional de nosso povo. Em tôdas as recepções cívicas, os Chefes e seus conselheiros acomodam-se em um meio-círculo, simbolizando o crescente da Lua, que representa a natureza acolhedora do ganense. Os "akyeame", porta-vozes oficiais de cada sociedade tribal, empunham os seus bastões representativos, de grande valor artístico, por que encimados por figuras trabalhadas em ouro ou prata. Antigamente, simbolizavam o sumário ou o espírito dos discursos reais que os Chefes costumavam fazer, ou as ações que praticavam em circunstâncias especiais. Não sei se o Senhor Embaixador, por exemplo, já reparou na esplendorosa variedade das vestes dos Chefes. Simbolizam elas os seus sentimentos em determinado momento. Senão, vejamos: quando um Chefe perde um parente íntimo, êle usa **"kobene"**, um traje de côr vermelho-ocre. Há outras espécies de vermelho, que usam em sinal de prolongado luto. O **"kenté"**, que traz tôdas as tonalidades usadas nas vestes dos potentados tribais, e que se tornou o traje nacional, é rico em simbolismo, de caráter profundamente filosófico.

Quis eu, então, saber sôbre religião, assim sintetizando êle informações que eu já colhera, embora de forma a mais fragmentária que se possa imaginar:

— Antes da introdução do cristianismo ou do islamismo no país, já conhecíamos um só Deus Supremo. Como a maioria dos povos do mundo, acreditávamos que Deus era a uma só vez o Rei Criador e o Salvador. Por outro lado, que Êle fazia parte integral, inseparável e indispensável da comunhão de Seu povo. Face à complexidade das relações entre o Deus único e o Seu povo, tornou-se necessária a existência e a ação de intermediários e mediadores sob a forma de sub-Deuses e sacerdotes ancestrais.

Nesse particular Kofi Antubam não foi mais além. Quisera ouvir dêle, e infelizmente assim não aconteceu, como por exemplo as estruturas e a vida política e social de Gana, no passado, como ainda no presente, eram impregnadas pela religião. Fugiu, ou não quis abordar uma particularidade das mais importantes, fundamental mesmo, esta de que tôda a arte negra é uma manifestação da vida religiosa. Kofi Antubam, como artista e tido como conhecedor profundo da cultura **akan**, não deve ignorar, evidentemente, que as obras de arte, produzidas tanto pelo seu povo, como por todos os demais povos negros, não era feita para ornar museus, mas para fornecer aos homens um meio de ação misterioso e místico sôbre o mundo, tendo, assim, uma destinação e uma utilidade superiores, principalmente no que se relacionava com a escultura, a sua especialidade. Limitou-se a uma indicação pura e simples, insatisfatória, para imediatamente retomar o tema do símbolo na cultura ganense.

* * *

Depois de afirmar que a personificação das idéias em geral e dos valôres morais em particular abre a porta à apreciação da mitologia ganense, acentuou Kofi Antubam, abandonando a pasta com os escritos da Alemanha:

— A divindade representando o Diabo, o grande **"Sasabonsam"**, o guardião onipresente da sabedoria de Deus, o filósofo "Ananse", e os seus maléficos companheiros, as ninfas "Mboatia", são algumas das personagens dêsse grupo.

Escreveu Kofi Antubam, lendo então para mim, que a cerâmica tradicional de Gana segue um desenho original, de forma oval, circular ou semi-circular, frisando que, do ponto de vista do símbolo, as formas ovais são limitadas aos vasos destinados à purificação, advindo daí a forma especial dos utensílios **akans**, chamados **"kutus"**, e o recipiente de vinho de palma, chamado **"akotokyima"**. Sôbre as formas circulares, acentua:

— São a característica dos recipientes destinados às beberagens sagradas consideradas vivificantes. A forma semi-circular representa a bemaventurança, a ternura, a benignidade e tudo o que torna acolhedora a secção feminina da sociedade. Os vasos desta forma são usados à mesa das tribus ganenses.

* * *

Terminamos nosso primeiro encontro nos jardins de sua casa, dizendo-me êle, com seu jeito sombrio:

— A cultura de Gana é muito rica em simbolismo. A maneira como o povo dança, os seus ritmos, como também as marcas tribais cavadas nas faces, são profundamente simbólicas. A técnica usada nas exéquias depende da posição social do indivíduo morto. Há maneiras diferentes de tratar o corpo morto de uma criança e de um adulto, do homem e da mulher, por exemplo. Poder-se-ia dizer, em conclusão, que em Gana a Cultura representa rica expressão do simbolismo com a mais variada signicação.

* * *

Noutra oportunidade, que me foi possibilitada pelo próprio administrador do "Achimota College", Kofi An-

tubam forneceu-me a lista dos símbolos mais representativos da mitologia ganense, começando por uma breve explanação sôbre o "stool", o trono tribal, em suas várias representações: "Na tradicional comunidade ganense **"adwa"**, isto é, o tamborete, simboliza a alma ou o espírito que unifica a sociedade. Cada particularidade sua é muito significativa do ponto de vista simbólico. Por exemplo, a parte superior representa o caloroso acolhimento materno, o centro a presença de Deus no seio da sociedade, a base retangular os homens na sociedade. Os homens, algumas vêzes, são também representados como pilares que sustentam a mãe ou a mulher. Há uma grande variedade de tamboretes, com os desenhos os mais originais, com nomes como **"Mbaagua"**, exclusivamente feminino, **"Mbarangua"**, exclusivamente masculino, **"Mfewa"**, exclusivamente para as crianças.

* * *

Na ordem cronológica de importância, são as seguintes as mais significativas figuras simbólicas de Gana, que tornam a sua mitologia rica e variada:

1º — **Sasabonsam,** chefe dos espíritos malígnos, sôbre o qual contam-se histórias horripilantes. Na maioria dessas histórias aparece em seu aspecto fantástico, dotado de podêres sobrenaturais que lhe permitem fazer coisas incrìvelmente maravilhosas. Algumas tribos de Gana o conhecem pelo nome de **Bonsam,** isto é, o diabo a quem são atribuídos todos os malefícios domésticos.

2º — **Aboatia,** companheiro principal de **Sasabonsam,** responsável por todos os desagradáveis acontecimentos na área doméstica. Seus pés são virados para trás, a fim de que não se saiba de onde vem nem para onde vai.

3º — **Akuaba,** é a representação tradicional da fertilidade, na figura de uma boneca, que as mulheres estéreis levam ao pescoço. Se acaso nasce-lhe um filho, êste ganha o fetiche como o seu primeiro brinquedo. Quando

o marido deseja que a sua mulher tenha um filho destinado a servir à religião, êle lhe oferece uma boneca de cabeça redonda; quando deseja uma filha bela entre as mais belas, a boneca deve ter a cabeça ovalada; quando deseja um belo rapaz, a cabeça da boneca será retangular. O nome do boneco modifica-se de acôrdo com o tipo de criança desejado : para um filho destinado à religião, chama-se **"Akuabatene"** (que simboliza o bem), para uma menina, **"Akuababere"**, para um menino **"Akuaba-nini"**.

4º — **Adinkera** é uma palavra Akan, que significa "dizer adeus". É também o designativo do sistema tradicional ganense de empregar os símbolos abstratos para sugerir os seus profundos sentimentos filosóficos durante o período do luto. Enquanto cantam à altas vozes os seus cantos funerais, os ganenses, homens e mulheres, usam tecidos vermelhos, cinzas, azuis ou negros, decorados com os símbolos **Adinkera,** que significam adeus aos seus mortos queridos, símbolos que assim se subdividem :

Gye Nyame, que significa "à exceção de Deus". Quando um homem alcança o auge de sua grandeza e de sua glória, êle é tentado a esquecer que sempre existiu uma fôrça ou alguém que lhe é superior. Em tais casos, os mais velhos dizem, à título de advertência: "Segui vossa consciência". E indicando com o primeiro dedo da mão direita, exclama: **"Gye Nyame"** (À exceção de Deus);

Binnkabi, que significa "ninguém deve agredir seu vizinho". A lenda ensina que aquêle que não quer ser mordido, não morde seu vizinho, e aquêle que morde será mordido. É o símbolo da justiça. Segundo a concepção tradicional de Gana, representa o equilíbrio absoluto da imparcialidade;

Dwanimen, que simboliza a fôrça. Significa que aquêles que querem manter a paz devem possuir as armas para a guerra. Parece um pouco enigmático e um pouco contraditório dizer que para obter-se a paz, deve-se preparar incessantemente para a guerra;

Adwoe, que simboliza a paz. Quando vêm as guerras, a paz torna-se o objetivo mais desejado pelos homens. A sabedoria ganense aponta que é sempre possível viver pacìficamente com os seus semelhantes. Por êste motivo, o ganense diz tranqüilamente ao mundo: **Adwoe,** isto é: "Recordai-vos do bem e preservai a paz, que fundamenta a maior esperança de nosso planêta";

Zawoho, que simboliza a liberdade, baseado num provérbio akan: "Ao obter a sua liberdade, o homem ganha asas que lhe permitem voar aos céus", o que lhe possibilita a chance de ver-se membro de uma comunidade superior.

5º — **Kenté,** palavra akan que significa "o que se usará festivamente". Usada para designar o tecido fabricado à mão, que o ganense usa nas ocasiões festivas. Fundamentalmente decorativo, apresenta côres e formas diferentes, altamente significativas. Existem seis tipos de **kenté,** a saber: **Akapempen,** que simboliza a honestidade e o tratamento equitável nas relações humanas; **Pepe,** simboliza a precisão e a justiça nos negócios humanos. Há um provérbio ganense inspirado nesta idéia: "O justo julgamento não leva em conta as pessoas"; **Kao,** nome de um inseto, considerado pela mitologia ganense a medida da vingança. Só morde aquêle que o morde; **Mdondowa,** o éco dos tambôres, o tam-tam, símbolo da ordem e do método na associação dos homens; **Owo-koforo-adobe,** é o símbolo da sabedoria. A prudência — diz o ganense — modera o arrebatamento frenético e reduz os perigos de desagregação nas sociedades humanas; **Abosobaa,** é o símbolo da ênfase e da fôrça. Há um provérbio que exprime muito bem o conteúdo dêste símbolo: "O que não se pode pôr em ordem com sabedoria é arrumado com pancadas".

11, março — Novas leituras, nos últimos dias. Fui a Tema, levando comigo o "Quarteto de Alexandria", a célebre tetralogia de Lawrence Durrel, em que mergulhei por três dias seguidos. Impossível formular qualquer impressão, de imediato, tantos os aspectos a considerar

sôbre a audaciosa realização. Já ouvira falar da obra, tomara conhecimento de opiniões as mais contraditórias, sendo Durrel apontado por uns como decadente e romântico, por outros como o ficcionista de mais originalidade e amplos recursos, entre os aparecidos ùltimamente na Inglaterra. Li-o tendo presente aquelas opiniões e julgamentos, colhidos graças a esta curiosidade literária que me leva a leituras as mais diversificadas. Estava, pois, informado sôbre a sua técnica, os seus objetivos artísticos, as suas tendências. A sua experiência, sem dúvida, é das mais originais, merecendo cuidadoso exame a receita que explora para engendrar um "continuum". Três partes de **espaço** e uma de **tempo,** conforme acentua, para esclarecer em seguida: as três primeiras partes devem desenrolar-se no **espaço** e não se encadeiam numa série, pois são relações meramente **espaciais.** Sòmente a quarta parte, que representa o **tempo,** significa verdadeiramente uma continuação. Estas as suas intenções formais. Classificou o conteúdo do romance como "uma investigação sôbre o amor moderno". É sôbre a validade desta "investigação" que desejo manifestar-me. Para tanto, pretendo fazer uma nova leitura do "quarteto".

* * *

O Embaixador Grousset ofertou-me um pequeno livro de Hubert Deschamps, analisando "as instituições políticas da África Negra". É uma reedição, atualizada e aumentada, do livro **Éveil Politique Africain,** cuja primeira edição li ainda em Brasília. Quisera que o autor fôsse menos esquemático, pois o tema é daqueles que reclamam um trabalho de fôlego. O seu objetivo foi fazer um estudo político interno dos países da África negra tropical, deixando, porém, ao invés do estudo, um esquema do mesmo. Contudo, é um ótimo roteiro. Estudo sôbre o mesmo assunto está sendo escrito por Maitre Bizênne, da Costa do Marfim, refugiado político em Gana. Tem êle a idéia de escrever, futuramente, um estudo sôbre o direito constitucional africano, a seu ver origi-

nalíssimo, por motivo das soluções encontradas tendo em vista a harmonização de postulados herdados do passado com as exigências impostas pelas novas condições imperantes em África.

* * *

Li, entre outros documentos, breve depoimento de Silvanus Olympio, Presidente da República do Togo. Fala aquêle descendente de brasileiro, com um toque quase patético, sôbre o que, na sua opinião, deveria ser a unidade africana. Avistei-me com Silvanus Olympo por três vêzes, em Lomé, por ocasião das festividades comemorativas da Independência do Togo, em 1962, às quais compareci como representante do govêrno de meu país, na qualidade de Embaixador. Deram-se assim os três encontros: o primeiro, na mesma tarde em que cheguei a Lomé (era a minha segunda viagem à capital togolêsa). Foi em seu gabinete de trabalho, no Palácio Governamental, quando o sondei sôbre a possibilidade de uma viagem sua ao Brasil, dando-lhe ao mesmo tempo ciência do interêsse do meu país em manter relações diplomáticas com o seu, aquêle da área atlântica onde a comunidade brasileira é mais numerosa. A segunda vez foi no desfile da Independência e, o terceiro, no banquete oferecido no **Benin Hotel**. Falando para a espôsa, dissera êle, sorrindo para minha mulher, ao ser-lhe ela apresentada:

— Veja você como nos parecemos todos. Em tudo, mas em tudo mesmo. Na côr, no gôsto pela vida, na gentileza. Em tudo, em tudo mesmo. Somos irmãos, estamos apenas separados pelo oceano — e riu, o seu riso simpático e aberto.

No Rio, oito meses depois, num tórrido fim de tarde de janeiro, escutei pelo rádio a notícia de sua morte, assassinado por um dos que sustentaram o golpe de Estado que o derrubou do poder.

Fui pela primeira vez ao Togo em caráter particular, convidado pelos Souza, uma das inúmeras famílias da costa descendentes de brasileiros. Isso foi em abril de 1962, ficando eu e Gasparino Damata, que me acompanhou, por dois dias na capital togolêsa, iniciando assim os nossos contatos pessoais com os chefes das referidas famílias. Cumpre acentuar que os brasileiros de África, além de numerosos, constituem ainda agora verdadeira aristocracia, principalmente no Togo e no Daomé, em cujo litoral os seus antepassados se instalaram. Embora não tenham conquistado a mesma posição dominante que naqueles dois países, formaram na antiga Gold Coast (Gana), conforme já deixei registrado, e na Nigéria, por exemplo, comunidades que ainda subsistem. Foi naqueles dois países, porém, ambos de língua francesa, onde se formaram os núcleos mais importantes, sendo comuns, sem conta, os sobrenomes brasileiros. Entre os Aguiar, Amorim, Almeida, Barbosa, Silveira, Cruz, Silva, Rêgo, Medeiros, Oliveira, Reis, Santana, Gonçalves, Pio, Paraíso, Olímpio, Santos, Peregrino, destacam-se os Souza, descendentes êstes do baiano Francisco Félix de Souza, fundador de verdadeira dinastia, mais conhecido como o Xaxá, ousado e poderoso traficante, homem fabulosamente rico, que a certa altura foi o único intermediário entre o Daomé e a Europa, cuja crônica é bastante conhecida. Procurei, pois, manter ao longo de meu primeiro ano de África, que confesso ter sido difícil e penoso, contatos com alguns elementos das chamadas famílias brasileiras, particularmente com os Souza, interessado em colhêr informações que pudessem complementar o que já sabia das mesmas, através de leituras esparsas e sem método, mas apesar disso muito proveitosas para o diálogo que planejara travar no terreno cultural. Mantenho correspondência com proeminentes dessas famílias, valendo-me para isso de um dêles, Benedito A. de Souza, que tomara a iniciativa de enviar-me do Togo seu cartão, dando-se a conhecer, tratando-me de primo e convidando-me a chegar até Lomé. Mas sòmente cinco meses depois de chegado a Gana pude visitá-los, partindo de Gana exatamente no dia 14 de abril de 1962. A viagem, da capital ganense à capital togolêsa,

é longa e pitoresca. Atravessa-se a região **ewé**, cujas tribos forneceram grandes contingentes humanos para o trabalho escravo no Brasil, e, depois, a faixa de terra chamada de Togolândia, ex-Togo inglês, anexada à Gana, motivo de atritos que se eternizarão, entre os dois países africanos.

* * *

Esperava ter acesso, em Lomé, a documentos que acreditei zelosamente guardados pelos descendentes do legendário Xaxá. Nada encontrei, a não ser uma galeria de retratos, na residência do professor Eugênio Augusto de Souza, cuja grande ambição, segundo confessou-me, é escrever a biografia do poderoso antepassado. Lamentou êle que os documentos de que tanto precisa estejam fora de África e de seu alcance. Encontram-se espalhados, nos museus e arquivos europeus, também, no Brasil, sendo que alguns pesquisadores os consideram insuficientemente explorados. Como muitos dos chefes dessas famílias, no passado, desempenharam papel de importância, na economia e na vida política das regiões onde se instalaram, os documentos que a êles se referem são reclamados, também, pelos pesquisadores da história africana. Ao ver dêsses pesquisadores, entre os documentos escritos e produzidos na própria África, que podem servir de veículo a uma obra artística, estão aquêles dos arquivos privados das famílias brasileiras que foram para a África no Século XIX. A própria história dos Xaxás, embora muito conhecida, é considerada incompleta, e na verdade o é, exatamente porque se tem dela visão mutilada, o mesmo acontecendo sôbre quase tôdas as outras famílias da mesma origem, como por exemplo a dêsse outro poderoso traficante, chamado José Francisco dos Santos, dito o Alfaiate (que manteve relações comerciais ativas com a Bahia, o Rio, Marselha, Havre e Bristol), pai de Jacinto Costa Santos, agente comercial inglês das costas africanas, nos idos de 1876. Apontam-se como valiosos, também, os arquivos dos missionários portuguêses da região, que se acredita estejam em Roma

ou em Lisboa. Como é sabido, os filhos dos escravos repatriados e convertidos ao cristianismo, eram batizados pelos referidos missionários católicos, freqüentavam as suas escolas, como ainda eram por êles casados, cumprindo acrescentar que êsses casamentos só se faziam entre "compatriotas". Na ausência, pois, dos citados documentos, vali-me de outros recursos e fontes, especìficamente africanos, como por exemplo a tradição oral. O meu verdadeiro objetivo tem sido entrar em contato com as referidas famílias, a fim de melhor testemunhar como atualmente vivem e verificar **in loco** o que subsiste dos hábitos, coisas e tradições trazidos do Brasil.

* * *

Verificamos, em nossa primeira viagem ao Togo, que contràriamente ao que se acreditava, a família Souza, fundada pelo legendário Francisco Félix de Souza, não se havia ainda esfacelado por inteiro, havendo ainda um núcleo bastante importante. Da mesma forma que a família, a dinastia dos Xaxás ainda subsistia, pois estava vivo, residindo em Allada, no Daomé, o 7º Xaxá, cujo nome é Jerônimo de Souza. Entre tôdas as famílias africanas conhecidas como de origem brasileira, pois, continuam os Souza como os mais numerosos, embora não tenham a mesma opulência e poderio de antigamente. Estão êles dispersos pela costa, em sua maioria são letrados. O seu legendário antepassado ainda suscita supersticioso respeito. Embora sua história seja conhecida, não poderia aqui deixar de relembrá-la, para melhor situar-lhe a figura e dar idéia de sua importância. As opiniões a seu respeito são contraditórias, pois, enquanto é apontado por uns como realizador de obra civilizadora sem precedentes na época, por outros é citado como aventureiro sem escrúpulos, dissoluto e brutal, interessado apenas em tornar-se mais rico. Homem vário, em sua longa e estupefaciente vida, provocou tôda espécie de julgamento. Foi escravista, monopolizando ao longo de anos o hediondo tráfico para o Brasil e Cuba; foi fazendeiro, foi conselheiro de reis e mecenas, terminando

sua vida como inspirado administrador, promovendo o progresso e a prosperidade de Ouidá, a localidade que lhe foi oferecida como prêmio pelos serviços prestados ao Rei Guezo, do Abomey, e onde morreu, dizem uns que em 1841, outros que em 1849. Um de seus descendentes, Norberto Francisco de Souza, em notas de contribuição à história da família, registra ter vindo êle da Bahia, chegando pela primeira vez a Ouidá em 1788, adiantando que como funcionário na qualidade de Comandante do Forte Português, pôsto que transferiu anos depois a Inácio de Souza, um irmão que mandou buscar no Brasil, dedicando-se então, exclusivamente, ao tráfico, após instalar-se em Badagry, localidade nigeriana. Já rico, gozando de excepcional situação em tôda a costa, faz curta viagem ao Brasil, retornando à África em meados de 1800, desembarcando em Anecho, hoje um dos pontos mais pitorescos do território togolês, em outros tempos dispensário de escravos. Casou-se com a Princesa Jijibou, oriunda de Acra, mandando seu primeiro filho, Izidório, estudar no Brasil. Meteu-se em complicações de tôda espécie, destronou régulos, fazendo, enfim, valer a sua lei. Ajudou o ambicioso Guezo a subir ao trono de Abomey, na época poderoso reino, para onde mudou-se, deixando alguns membros da família em Anecho, que continuam a prosperar. Apareceu com o cognome de Xaxá, que se transformou em título hereditário, depois de 1818, sendo já conhecido como Adjinakon (O Elefante), graças ao seu porte, fôrça física e poder pessoal. Morreu em Ouidá como verdadeiro potentado.

* * *

A morte do Xaxá foi seguida de sacrifícios humanos, como se se tratasse de um grande chefe africano. Afirma-se que um casal de jovens da mesma idade foi decapitado e enterrado com o poderoso Xaxá, enquanto três homens eram sacrificados no rio mais próximo. O cemitério onde repousa, juntamente com grande número de membros da família, pode ser visto ainda em Ouidá, perto da praça Kendji. A necrópole está instalada em pequena

casa construída à moda portuguêsa. As paredes encontram-se cobertas de retratos e um sem número de coroas mortuárias são vistas espalhadas ao longo do chão de cimento, indicando os locais onde repousam alguns membros da família. Num quarto, localizado aos fundos, pode-se ver o enorme leito de Francisco Félix de Souza, tal qual era quando o Xaxá morreu. Tem o seu túmulo decorado com a imagem de São Francisco, coberto de flôres sempre renovadas, havendo sempre duas velas acesas.

Pouco tempo depois da morte do Xaxá, experimenta a família terrível ostracismo. Os seus sucessores, não possuindo o mesmo gênio, logo se tornaram impopulares, sofrendo inclusive perseguições dos régulos, terminando por serem dispersados. Segundo a crônica, os filhos nada fizeram, senão aproveitarem-se da imensa autoridade conquistada pelo pai, para aumentar o patrimônio familiar. Teve, como primeiro herdeiro do título, o filho Izidório, que morreu em 1858. Os demais Xaxás foram, na ordem cronológica, os seguintes: Francisco Félix de Souza Filho (Chicou), morto em 1880; Julião Félix de Souza (executado em Abomey) e Lino Félix de Souza. Houve mais dois, que não são citados pela crônica, estando o sétimo ainda vivo. Chamavam-se Norberto de Souza e Jerônimo de Souza. O sétimo mora em Allada. Trata-se do Chefe do Quarteirão Brasileiro, em Ouidá, criado por Francisco Félix de Souza, nos idos de 1820. Como o atual Xaxá está muito velho, foi substituído por um regente, que se chama Gregório Estevão de Souza. O mais importante chefe da família, porém, depois da morte do legendário negociante brasileiro, foi Augustino Ezechiel de Souza, oriundo do ramo togolês. A história de sua vida, à certa altura, aparece ligada às etapas mais importantes dos movimentos de emancipação de seu país, seguindo a mesma trajetória de Silvanus Olympio, descendente de brasileiro que chegou a ser Presidente da República em África, assassinado em 1963, ao reagir à ordem de prisão dada por elemento que participou do golpe de Estado que o apeou do poder.

Augustino Ezechiel de Souza era filho de Ezechiel Manuel de Souza, neto do primeiro Xaxá, pertencente ao núcleo dos Souza que floresceu em Anecho, hoje território togolês. Nasceu em 1877, morrendo em 1960, dois dias antes da Independência do Togo, proclamada a 27 de abril daquele ano. Estive em sua casa por duas vêzes, situada no centro de Lomé, capital de seu país. Tive, então, oportunidade de testemunhar como, ainda hoje, são seguidos os hábitos e tradições trazidos do Brasil pelos repatriados e seus descendentes. A êsse respeito Silvanus Olympio fêz-me importante revelação, quando o visitei em seu Palácio, na qualidade de enviado especial do govêrno brasileiro. Falando das famílias descendentes de brasileiros, referiu-se à sua própria, acentuando que um tio seu ainda usa, no vocabulário doméstico, palavras do **brasileiro,** como também guarda lembranças de um mundo de coisas. Augustino Ezechiel de Souza era católico, fiel devoto de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem encontra-se entronizada no terreiro de sua casa. Como quase todos os filhos de repatriados do Brasil, dispensava profundo respeito à sua religião, seguindo à risca os ritos cristãos. Para uma idéia do que foi a contribuição dos brasileiros na expansão do catolicismo na região, recorda-se, por exemplo, de que foi uma brasileira quem construiu, pelos idos de 1835, em Agoué, a primeira capela de tôda a costa togolêsa. Destruída por um incêndio, teve a sua reconstrução a cargo de um grupo de católicos baianos, conduzidos por certo Joaquim de Almeida. Com a sua catolicidade, pois, Augustino Ezechiel de Souza seguia as pegadas de seus antepassados, mesmo do próprio Xaxá, apontado que foi como um singular cristão, devoto de São Francisco. Possuidor de relativa fortuna, em parte herdada, em parte conquistada pelo seu gênio para os negócios, foi um dos maiores proprietários de coqueirais, plantações em que se distinguiu a maioria dos descendentes do brasileiros, principalmente os Amorim, os Olímpio, os Paraíso, os Almeida e os Carvalho. Foi êle funcionário alemão, grande comerciante, plantador, presidente do Conselho dos Notáveis de Lomé, presidente da União Togolêsa, partido político.

Em suas plantações registraram-se as primeiras reuniões políticas de grande envergadura, sob o signo do Comitê da União Togolêsa, com a participação de Olympio. Freitas, Almeida e outros. Estêve sempre presente a tôdas as fases dos movimentos, como já foi dito, chegando a ser presidente do partido que conquistou a Independência do país e que elegeu o primeiro Presidente da República, tendo sido o seu nome também cogitado para o pôsto, prevalecendo porém o de Silvanus Olympio. Deixou numerosa prole. Do material fotográfico que recolhi entre os seus filhos e aderentes, destaca-se um retrato em que aparecem quatro de seus filhos e sete elementos femininos da família. O filho mais velho, seu executor testamentário, Eugênio Augustino de Souza, ofereceu-me, entre outros documentos de importância, exemplares dos selos comemorativos da Independência, em que aparece a efígie do patrioarca Pa de Souza (Pai Souza), como era chamado. Pretende êle, para completar a história da família, viajar ao Brasil, a fim de tentar recolher material sôbre os antepassados de outras famílias que gravitaram sempre em tôrno dos Souza.

13, março — Grande sensação na cidade de Acra. Os responsáveis pelos atentados à bomba, ocorridos no ano passado, estão em julgamento. Os nomes de Adamafio e Ako-Adjei aparecem como autores e animadores do plano de derrubada do regime de Osagyefo. São aquêles dois antigos Ministros, e mais o Secretário administrativo do Partido da Convenção Popular, Coffie Grable, acusados diretamente, constando o processo, inclusive, haver o primeiro fornecido as bombas para os atentados contra Nkrumah. Enquanto lia o relato da Suprema Côrte, tinha presente ao espírito a figura arrogante, antipática e grosseira do antigo Ministro das Informações, Adamafio. Lembro-me da primeira visita que lhe fiz, acompanhado de homens de negócios do Brasil. Recebeu-nos êle com manifesta má-vontade, sequer levantou-se. Ouviu-nos com impaciência, passando um olhar indiferente pelos planos que lhe foram exibidos, para terminar desencorajando-nos com a seguinte frase:

— Dentro de um ano seremos uma República Socialista e então enxotaremos todos os estrangeiros exploradores de Gana. Por conseguinte, não há muita oportunidade para negócios dêsse tipo.

É um personagem antipático e antipatizado. O povo tinha-lhe horror — e ninguém mostrou surprêsa na madrugada em que correu a notícia de sua prisão, como traidor. Ninguém entendeu foi estar Ako-Adjei envolvido na trama. Quase todos mostraram-se perplexos. Com desprêzo, alguns tentaram explicar a sua traição:

— Trata-se de um intelectual.

Acredita-se que os implicados nos atentados, em atendimento ao que exigem as multidões do CPP, serão condenados à morte.

Estive hoje com **Nana** Kobina Niktzia. Sempre que o vejo, acode-me à memória a primeira impressão que me ficou dêle. A sua figura me faz lembrar a de um falcão. Talvez pelo seu rosto fino e agressivo, o olhar perquiridor e agudo, a bôlca quase sem lábios. É um legítimo africano, cioso das tradições de seu povo. Fervoroso cultor da personalidade africana, dedica tôda a vida à sua completa afirmação. É o responsável por uma série de iniciativas de cunho artístico, deve Gana ao seu dinamismo a posição de vanguarda nas pesquisas de caráter histórico. Convidei-o no ano passado a visitar o Brasil — mas surgiram motivos imponderáveis e a visita foi adiada, talvez para sempre. Com a sua ida ao Brasil, daríamos início ao intercâmbio de professôres brasileiros e africanos, prosseguindo com o plano de ação cultural começado com a concessão de bôlsas de estudo a estudantes universitários de Gana, Nigéria, Daomé e outros países da área.

14, março — Chega a Acra um estudioso brasileiro, aqui devendo ficar alguns dias apenas. Segue viagem para Madagascar. Referindo-se ao que viu e ouviu, nos países africanos em que já estêve, disse-me:

— É preciso vir aqui, para se avaliar o que é tudo isso

Nem todos no Brasil pensam assim. É preciso, sim, estar na própria África, na vivência diuturna de seus problemas, para avaliar a extensão de suas necessidades. Meu Deus, nunca vi tanta miséria, como também nunca vi tanta disposição em face do futuro. Em África, sente-se o odôr da miséria, como também tem-se a emoção de testemunhar os esfôrços inhumanos para conquistar melhores níveis de vida. Grande, porém, é o ról das necessidades, tôdas reclamando atendimento prioritário. O tempo em África é tido como acelerado, mas êle deve, precisa ser ainda mais acelerado. Dizem, porém, que êsse queimar etapas de que tanto se fala, é um dos maiores perigos porque passam os novos Estados dêste mundo ainda mal conhecido. Piores perigos, porém, já passaram êles e estão correndo...

15, março — O plano de vida, que sigo à risca, rigorosamente, desde que regressei das férias no Brasil, é sobretudo um plano de trabalho. Eis o meu segrêdo contra a depressão... Assim mesmo, meu Deus, assim mesmo...

16, março — A temporada chuvosa começa mais cêdo. Negras nuvens se acumulam para os lados deKumasi. Esta manhã começou a chover em Acra, mas sem violência, embora em ritmo crescente. Se prosseguir, amanhã, nós os moradores de Tesano estaremos ilhados. No ano passado, logo nos primeiros dias da temporada chuvosa, foram usadas canoas em certas áreas, formando a enxurrada fortes correntezas na passagem da via-férrea. É noite, e como a chuva prossegue, resolvo ficar em casa, lendo. Tenho planejada a leitura de uma série de obras sôbre Machado de Assis, o escritor e o homem, da autoria de Augusto Mayer, Josué Montelo, Eugênio Gomes, Afrânio Coutinho, que espero levar a efeito, entre outras, ao longo desta nova temporada chuvosa. A verdade, porém, é que falta-me ânimo.

18, março — Sensação física de completo esgotamento. Sinto-me esgotado e vazio, morto o entusiasmo. Que sig-

nifica isso? Tinha a idéia de fazer algumas leituras, de escrever qualquer coisa sôbre a chegada dos pais de Silvano Olympio à Acra, na base de informes que recolhi entre os "Tá-bom". Não tive porém ânimo para nada.

19, março — Sinto-me melhor. Tive um dia cheio, com a visita do Embaixador da Suíça pela manhã e exame da situação no Togo, à tarde. Longa conversa com o Embaixador, sôbre o momento africano. Muitas das nossas opiniões são coincidentes, quase tôdas sôbre as perspectivas em países como Gana, Guiné e Mali. Disse-me êle, à guisa de conclusão:

— Novos ventos estão soprando em África. Ainda é cêdo, porém, para afirmar se êstes novos ventos são bons ou máus.

A meu ver, êstes novos ventos estão levando os africanos a encarar os seus problemas específicos em levar em conta os interêsses de quem quer que seja. Apresentam êles as suas reivindicações sem contemplações, pouco se preocupando que elas desagradem propalados aliados seus, do Ocidente ou do Oriente. Deixou de ter sentido, por exemplo, para o africano, a composição afro-asiática. Frisou, recentemente, um célebre líder, em têrmos peremptórios, que a África, para escapar dos novos perigos que a ameaçam, tem e deve preocupar-se com os seus problemas específicos exclusivamente.

22, março — Êstes últimos dias foram pràticamente consumidos em atividades sociais. Visitas de Embaixadores, coquetéis, jantares. Ontem declarei-me doente, deixando-me em casa, para ordenar alguns papéis e fazer o balanço dos últimos acontecimentos registrados em Gana e em alguns outros pontos da África. O tempo africano continua acelerado, tudo se passa num ritmo em que as etapas são ignoradas, fugindo a sua evolução dos esquemas clássicos. Impossível manter-se informado, sôbre tôdas as coisas que se passam neste mundo em perpétua modificação. Na incessante busca de soluções originais, na conquista de um equilíbrio nôvo, em substituição

do equilíbrio anterior destruído pelos colonialistas, tomaram por vêzes os caminhos mais surpreendentes, para não dizer desorientadores do observador que se julga bem informado. Aqui, muito do que parece realidade, não passa de aparência. Quantas previsões, feitas na base de fatos e fenômenos cuidadosamente examinados, foram invalidados antes mesmo dêsses fatos se alterarem ou cederem lugar a outros, o que acontece com extrema rapidez, por outro lado. O conhecimento da realidade africana, pois enquanto o Continente estiver passando por êsse processo, sendo tudo e nada ao mesmo tempo, continuará fragmentado e duvidoso. Essa a visão que nos possibilita a complexidade presente das situações africanas. E para retificá-la, ou melhor compreender os fenômenos que ocorrem atropelados e desobedecendo a tôdas as previsões possíveis, o observador, seja qual fôr a sua qualidade, tem que manter diuturna atenção. Disso não há dúvida. Tentei seguir êsse trem de vida no meu primeiro ano de África. Neste ano, outras solicitações se fizeram sentir e eu procuro dividir o tempo como posso... As solicitações não vêm das atividades sociais, mas de tudo quanto possa permitir a realização da grande ambição de minha vida, a literatura.

23, março — Estava uma mulher a esperar-me na Chancelaria, dizendo-se portadora de carta de um primo meu. Apressei-me a recebê-la, reconhecendo-a eu logo que ela entrou no Gabinete. Era a espôsa do togolês Benedito de Souza, um dos descendentes do Xaxá. Entregou-me a carta do marido, que me pedia fôsse encaminhada ao Presidente da República, Senhor João Goulart, solicitando um estágio no Ministério das Relações Exteriores, na sua qualidade de diplomata. Lembrei-me da conversa que tiveramos, eu e aquêle "primo africano", em Lomé, no ano passado, estando Idó conosco, sentados em cadeiras na calçada, num bar de movimentadíssima avenida ladeada de construções à maneira das moradias baianas, da época colonial. Tínhamos ido, eu e minha mulher, participar das festividades da Independência e eu aproveitara para prosseguir com as pesquisas, inicia-

das dois meses antes, nos arquivos da família Souza. Indo de férias ao Brasil, publiquei as notas resultantes daquelas pesquisas, tendo idéia de escrever um livro sôbre os descendentes dos escravos e repatriados do Brasil. De regresso à Gana, das férias, soube por intermédio de Gasparino da Matta e de Vivaldo Costa Lima, que Verger concluira documentadíssimo volume sôbre o assunto, fazendo sôbre o Xáxá e os seus descendentes diretos revelações sensacionais, oferecendo inclusive direções novas nas pesquisas sôbre o repatriamento dos escravos. Diante disso, decidi afastar de cogitação o meu plano e esperar o livro, que não acredito seja assim tão importante, levando em conta o seu trabalho anterior, pois não soube Verger o que fazer do importante material epistolar, de que usou no trabalho "Afro-Brasileiros", limitando-se a transcrever trechos de cartas do mais alto valor histórico, trocadas entre africanos do Brasil e do Daomé.

* * *

Há uma grande reportagem a ser feita, sôbre as atividades dos brasileiros de África, espalhados pelo Daomé, Togo, Nigéria, Mali, etc. Tenho, para mim, que o homem capaz de escrevê-la seria o meu auxiliar de Embaixada, o jornalista Gasparino Damata, caso gozasse de melhor saúde e pudesse locomover-se como deseja por todos êstes mundos da costa atlântica africana. Melhor do que o famigerado Verger, ou do que o bem informado Vivaldo Costa Lima, êste incapaz de qualquer método de trabalho, e melhor ainda do que o pretensioso ou a ambiciosa... Tenho mais que fazer, do que preocupar-me com essa gente.

25, março — Enquanto esperava a "Hora do Brasil", li quase todo o livro de Carlo Levi, intitulado "Deus Parou em Eboli", uma das mais impressionantes narrativas sôbre o mundo fechado em si mesmo que é o dos camponeses da região da Itália meridional. Além de ser um depoimento sôbre a miséria e a resignação, é também uma completa e acabada obra de arte. O autor, classificado

como néo-realista, com a sua maneira de focar os problemas sociais e os conflitos humanos, imprime substância à chamada nova cultura italiana, preocupada em firmar as características de um nôvo humanismo. Infelizmente, deixou Carlo Levi há muito tempo de escrever romances, estando agora empenhado a fundo na atividade jornalística, segundo me disse um seu compatriota, entre os muitos que trabalham em Akossombo, nas obras da barragem do Rio Volta, onde também trabalham alguns brasileiros.

27, março — Continua o julgamento dos envolvidos em atos de terrorismo e tentativa de assassinato de Osagyefo, o Presidente. A figura tenebrosa de Tawia Adamafio aparece, nos depoimentos dos acusados, como inspiradora de tôda a trama. Tentam os acusados envolver alguns dos atuais ministros, mas pelo visto os nomes citados nada têm com a história. O julgamento, por outro lado, mais parece uma satisfação pública, de algum ato que provàvelmente será tomado, ou que já foi tomado pelo govêrno, mas que sòmente será anunciado no fim do referido julgamento. Essa a impressão. Fala-se em condenação à morte, pedida através de manifestações públicas, organizadas pelo Partido da Convenção Popular.

29, março — Depois de uma cansativa manhã de Chancelaria, passo tôda a tarde na biblioteca da Universidade de Gana, fazendo anotações sôbre as propriedades dos descendentes de escravos repatriados do Brasil. Foram êles, e continuam a sê-lo, os maiores plantadores de côco, mandioca e inhame da costa, destacando-se, entre outros, os Olympio, os Amorim e os Souza. Na saída, alguém me pergunta por Vivaldo Costa Lima e indaga se ainda há possibilidade de bôlsas de estudo para o Brasil.

1.º, abril — Jantar na residência do Embaixador da Iugoslávia. Presente um Vice-Ministro de Tito, que visita a África Ocidental. Tivemos longa conversa, em francês, falando-me êle sôbre a missão João Dantas. Qualificou-a de revolucionária, louvando o Presidente Jânio

Quadros pela iniciativa. Estava presente o Embaixador da Tunísia, que também conheceu João Dantas por ocasião de seu giro em missão oficial. A impressão que disse lhe ter ficado daquêle homem público brasileiro é de entusiasmo. Como não podia deixar de ser, o Vice-Ministro iugoslavo perguntou-me, a certa altura:

— E o Senhor, que estêve tão perto do Presidente, poderá dizer por que Quadros renunciou?

— Não posso e acho que ninguém o poderá dizer. Só mesmo o Presidente — respondi.

2, abril — Gana tem nôvo plano de desenvolvimento. Economistas de várias partes do mundo estão a discuti-lo, na Universidade de Gana. O principal objetivo do plano é atacar, simultâneamente, todos os setores deficitários da economia do país, através de um programa de industrialização intensivo e modernização da agricultura. Denominado de Plano-D, terá o condão, segundo os louvores feitos ao mesmo pela imprensa dirigida, a única existente, de transformar o país num verdadeiro estado socialista. O govêrno pretende dispensar, na sua realização, 840 milhões de libras. Lembro-me aqui de uma observação: os países africanos, com os seus audaciosos planos, correm o risco de uma dependência muito maior do que aquela de que há pouco, aparentemente, se libertaram...

Sem data — Poucas noites livres, com o sem número de jantares diplomáticos. Assim mesmo aproveitei-as para algumas leituras, estando entre estas lendas tradicionais do oeste africano. Tôdas elas recolhidas de velhos narradores, veículo vivo das tradições e da história africana pròpriamente dita. Infelizmente, muito resta ainda a recolher, estando em sua maioria condenadas ao desaparecimento total, com a morte dos **griots.**

12, abril — (Sexta-feira Santa) — Devo sair amanhã em excursão, que durará três dias, pela região oeste, como convidado do professor Ciril Fiscian. Será a minha quarta viagem pelo interior do país. As duas primeiras foram

às regiões oriental e ashantí, mal completava eu os meus dois meses de Gana. Da mesma forma que procurára, desde logo, fazer contactos os mais diversificados possíveis, lançára-me também, sem perda de tempo, no conhecimento do interior do país, visitando algumas localidades ao longo do caminho para Kumasi. Fiz-me acompanhar de Vivaldo Costa Lima, como sempre muito prestativo, mas também muito intransigente, a criatura mais temperamental que Deus já pôs sôbre a terra, de Léo Gregonis, um americano que viveu alguns anos em São Paulo, para onde deseja regressar e instalar-se com um negócio qualquer, e de George Boateng, pertencente à tradicional família ashantí, nosso guia e hospedeiro na velha capital do que fôra outróra poderoso reino, hoje a próspera região do cacau, outro reino tão poderoso quanto o anterior. Vale a pena recordar, em breves traços, a história ashantí, que estudei nas noites de agonia de Brasília, ao longo das quais me preparava para a sabatina da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal. Os ashantis foram terríveis guerreiros, sem paralelo na caça ao escravo, que vendiam ora aos europeus, ora aos mussulmanos, comércio base de sua prosperidade no passado. Além de conquistadores, foram também grandes organizadores, conhecendo-se, como resultado de seu gênio, a chamada Confederação Ashantí, que data dos idos de 1660, durável aliança de pequenos estados, que alcançou o nosso século. Tinham, como símbolo, o **tamborete de ouro**, cuja reprodução em artísticas miniaturas pode ser adquirida em qualquer loja de objetos típicos do país. A lenda do "tamborete de ouro" é uma das mais expressivas, entre tôdas as outras da região, perpetuando-se através de versões as mais diversas. O poeta Dei-Anang, personagem de nossos dias, personalidade política das mais interessantes do atual quadro ganense, apresenta em peça teatral inspirada versão que se tornou oficial. Segundo êle, Osei-Tutu, fundador de Kumasi, empenhado em formar forte aliança entre os povos da mesma origem, pediu ao seu sacerdote e conselheiro, Okmfo Anokye, a sugestão de um símbolo que pudesse ser adotado em comum. Demonstra Dei-Anand que o "tamborete de ouro", oferta

dos deuses, em atendimento às preces do sacerdote, foi impregnado não só da alma do povo ashantí, mas também representa o que há de mais sagrado nos anseios de tôda a comunidade, que é o ideal da unificação, ao longo de séculos de história e de tradição.

* * *

A escolha das regiões oriental e ashanti, porém, para a minha primeira excursão, foi devido principalmente ao meu desejo de avistar-me com os padres brasileiros há anos em atividade em Effiduase e Nkawkaw, com os quais mantinha eu correspondência ainda no Brasil. Um dêles, o padre Otto Walter, quando em meados de 1961 estivera em férias no Rio de Janeiro, telefonou-me a Brasília para um pedido, que levei imediatamente ao conhecimento do Presidente Jânio Quadros. Queria, pois, avistar-me com os padres brasileiros, ver de perto como viviam, medir a extensão de sua obra missionária. E para lá partimos numa certa manhã de sábado. O caminho para Kumasi, longe por natureza, tornou-se ainda mais longo, com o itinerário organizado por George Boateng. Paramos em várias localidades, o que para mim representou oportunidade única, aproveitando-a eu o melhor que pude. Aburi foi a primeira parada, ainda perto de Acra, sendo curta a nossa demora, muito curta. Não se trata de uma cidade, é apenas um vilarejo, famoso pelos jardins botânicos ali existentes. Voltei ao local várias vêzes, sòzinho ou com a família. Tem-se a impressão, em seus jardins, de estar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A visão é a mesma, quando deparamos com a infindável avenida de vetustas palmeiras, acentuando-se ainda mais com a vegetação, que inspirou a Costa Lima a seguinte sugestão:

— A Embaixada bem que devia pedir ao Itamarati a vinda de uma missão botânica, para estudo comparado da vegetação africana e brasileira.

Tinha eu porém outros planos, muito diferentes daquele, inclusive mais práticos. Todos dependiam, porém,

de uma série de fatôres que me aconselhavam um agir cauteloso, a fim de não assumir compromissos de impossível atendimento. Antes de mais nada, até mesmo de uma simples troca de idéias sôbre planos e possibilidades de intercâmbio de qualquer natureza, desejava eu repensar os tais outros planos.

* * *

De Aburi para Koforidua, estirão de perto de vinte milhas, já começamos a avistar algumas plantações de cacau. Pejadas de frutos, as árvores estão ao alcance da mão dos nativos que, aos grupos, seguem ao longo da estrada, indiferentes porém aos côcos amarelos. George Boateng observou, envaidecido, que aquelas plantações eram um mínimo, quase nada, face às extensas áreas mais para o coração do território ashantí, prosseguindo êle:

— Sabe da lenda de como vieram as primeiras sementes de cacau, não é verdade?

— Você se refere à história de Tetteh Quarshie? — indagou Grigonis, como resposta.

— É uma história muito divulgada — interveio Costa Lima, com seu jeito brusco, tomando a palavra e passando a falar sôbre as suas pesquisas em tôrno da influência da exploração do produto nesta área da África Ocidental. Pelo que consta, êle trouxe as primeiras sementes de Fernando Pó, plantando-as na hoje chamada Mampong-Akwapim, nos idos de 1879. Tem, aquêle personagem, pois, a seu crédito, a introdução do que veio a ser e continuará sendo ainda por muito tempo, embora em menores proporções, a fôrça motor de todo o circuito econômico do país.

* * *

Foi naquela minha primeira excursão que conheci o príncipe Yao Boateng. É uma figura impressionante de

chefe africano, cujos antepassados datam de mais de três séculos. É católico, tem nas paredes da sala onde nos recebeu o retrato do Papa João XXIII, gravuras representando os santos de suas devoção e, em lugar de honra, o Crucifixo. Muito viajado, conhece quase tôda a Europa, tendo participado de várias conferências internacionais, como representante da Casa do Parlamento, de que é membro destacado. Não tinha sido informado de nossa visita. O sobrinho, George Boateng, quis lhe fazer uma surprêsa, recebida pelo príncipe com grande satisfação. Exclamou êle, fitando-me com olhos arregalados:

— O Embaixador do Brasil, hein? Queria muito conhecê-lo.

E em seguida, afugentando com um gesto o sem número de filhos que acorreram à sala, acentuou.

— Conheço muito bem o seu país. Quando estive nas Nações Unidas fiz amizade com dois diplomatas brasileiros, guardando agradável lembrança de Pimenta Bueno. O que me disse êle sôbre o Brasil levou-me a estudar o seu país esperançoso de um dia poder visitá-lo.

Passamos algumas horas em sua casa. Falou todo o tempo sôbre a experiência brasileira, versando sôbre as nossas tradições parlamentares e, até, sôbre música popular. Quando nos despedíamos lembrou-se de alguma coisa e solicitou-nos um momento mais. Deu meia-volta e desapareceu através de uma porta com cortinado verde e azul, para voltar logo em seguida com um álbum de fotografias. Exibiu, com satisfação, retratos seus ao lado do diplomata Pimenta Bueno, em Washington e Nova York.

A parada seguinte foi em Effiduase, onde fica a freguesia do padre Geraldo Pinheiro, brasileiro de Minas Gerais. Localidade tìpicamente africana. Como em tôdas as outras que até aqui visitei, nestes meus dezesseis meses de África, caracteriza-se pelos mais gritantes contrastes. Sua igreja fica no alto, maciça, muito parecida com os templos do interior do Brasil, principalmente no Nordeste. Desta vez não nos foi possível avistarmo-nos

com o pároco, pois êle estava dormindo e dera ordens para não ser acordado. Nem mesmo informado de que se tratava do Embaixador do Brasil decidiu-se o empregado africano a chamar o pároco. Estive porém com êle em outras oportunidades, transformando-se o padre em amigo da família, logo que minha espôsa e filhos chegaram a Gana.

* * *

Largamos de Effiduase, horas depois, para Nkawkaw, ao encontro do padre Otto Walter, brasileiro do Rio Grande do Sul. Fundou êle, em 1940, na localidade, a Paróquia São Miguel, apenas com um pavilhão nada confortável e 13 alunos. Contava no ano passado com 1.100 alunos e amplos pavilhões, enfermarias e oficinas várias. Percorremos algumas das classes, onde encontramos meninos de tôdas as idades, bem cuidados, com professôres de suas próprias aldeias. Entre os meninos da classe mais adiantada, escolhi um de cara muito inteligente, para usufruir de uma bôlsa de estudos que resolvi oferecer de meu próprio ordenado. Seu nome é Gilbert Adanse. Conversando, ao longo do lanche que nos ofereceu, indagou-nos o padre Walter, pressuroso:

— Que rumo o Brasil tomará agora? Acompanho tôdas as noites os noticiários das estações brasileiras — adiantou, apontando para o rádio sôbre a mesa ao lado. A renúncia do seu Presidente — foi terrível, concluiu, tristemente.

Voltei várias vêzes à Paróquia São Miguel, com a família, visitando numa delas a localidade de Nkawtia, onde fica o Colégio São Pedro, dirigido pelo padre Afonso Elsbernd, americano do norte. A localidade tem uma altitude de 1.000 metros, quase completamente deserta de nativos, que ali voltam apenas para festivais da Páscoa, do Natal e...

— E para enterrar os seus mortos — disse-nos o padre Geraldo Cifoni, estudioso interessado dos costumes dos povos da região, conhecidos como **kwaus.**

O último ponto daquela primeira excursão foi Kumasi, capital da Região Ashanti, chamada de Cidade Jardim, onde permanecemos por dois dias. Fui tomado em Kumasi por um nobre ashanti. A velhinha Boateng, na casa dos seus cem anos, lúcida e muito viva, fitou-me firme com seus olhinhos interrogativos, dizendo depois qualquer coisa em sua língua.

— Não, mãe — exclamou Boateng. Êle é o Embaixador do Brasil.

A velhinha não queria acreditar. Fui, então, objeto de acurado exame, chegando ela a declarar que estávamos a enganá-la. Dirigiu-se-me então em dialeto, para hilariedade geral. Não se conformou ainda e saiu em busca de velhos retratos, que exibiu com ar vitorioso. Vimos então alguém, com os fotografados, com êste meu rosto triste e amargo. Os meus traços, a mesma testa ampla, o mesmo jeito desalentado. Não foi ela, porém, a única a tomar-me como um dos seus. Outro Boateng, diretor do Instituto de Cultura, disse-nos que, ao ver-me sair do automóvel, perguntara à espôsa:

— De onde vem êste nosso parente?

Foi ocasião para Vivaldo Costa Lima lançar-me numa inteligente digressão sôbre o largo intercâmbio existente entre os ashantis e o Brasil.

* * *

Deixei o meu cartão no Palácio do Rei, o Asantehene, Sir Osei Agyeman, Prempeh II, soberano ashanti. Levou-me lá o seu secretário particular, também um Boateng, que me olhava como o fizera a velhinha na manhã anterior. O Palácio do Rei fica no centro de um jardim silencioso, com leões de mármore à entrada. O Asantehene se encontrava adoentado e não recebia ninguém. Uma de suas irmãs, a mais velha, estava sentada à entrada do jardim, como uma qualquer, catando coisas no chão. À tarde estive com o sobrinho do Rei. Chama-se **Nana** Boakye Dankwa. A sua casa ocupa meio quartei-

rão da velha e tradicional Kumasi, orgulhosa e rica Kumasi, terra dos potentados do cacau e da madeira, reino também de libaneses, que chegaram quase como mascates, conseguindo fazer fortunas colossais. A sala onde fomos recebidos tinha nas paredes retratos em tamanho grande de todos os seus antepassados. **Nana** Boakye Dankwa é homem já passado dos cinqüenta, muito inteligente, curioso e cheio de ânimo. Será o futuro Asantehene, se não morrer antes do atual Rei.

— Parece um dos nossos — disse, enquanto apertava-me a mão.

Tornei a vê-lo sòmente uma vez, mês e meio depois, no aeroporto de Acra, quando da chegada da Rainha da Inglaterra. Todos os chefes tribais de Gana foram prestar homenagem à antiga soberana. Compareceram acompanhados de um séquito das mil e uma noites, sob riquíssimas "umbrellas", em veludo e bordadas a ouro. **Nana** Boakye Dankwa mandou procurar-me na área destinada ao Corpo Diplomático, para apresentar-me a outros chefes ashantis, ali reunidos em tôda a sua pompa. Fizera-o como se se tratasse do filho pródigo que finalmente voltara...

13, abril — Deixamos Acra por volta das dez e meia da manhã, sob um sol inclemente. Tomamos o caminho de Winneba, mas passamos ao largo. Nossa direção era Saltpond, onde nos encontramos desde o meio-dia. É uma pequena localidade como muitas outras da região, fundamentalmente marcada pela miséria e sem remédio. Corremos algumas ruas, se assim podem ser chamadas. Aqui o professor Ciril Fiscian lecionou por dois anos, no comêço de sua carreira.

— Vou visitar um amigo — disse êle, avançando para uma ladeira.

Parou defronte de um sobrado pràticamente em ruínas Bateu no que fôra uma porta, chamou — mas ninguém atendeu. Retornou ao carro com expressão descontente, enquanto a companheira observava, voltada para mim:

— Ciril não vê êste amigo há uns cinco anos

— Deve ter morrido — fêz êle, com voz dura, fazendo o carro movimentar-se.

Em menos de cinco minutos a cidade fica para trás, com suas vielas tortuosas, seu casario disforme, seus velhos carcomidos, suas mulheres gastas, de enormes peitos murchos e pendurados como malacas, com suas crianças de enormes umbigos, com o seu odôr a azeite de dendê, gordura de côco e peixe sêco.

* * *

Uma parada perto de Cape Coast. Visita a uma escola secundária, o "Aggrey Memorial Secondary School", para meninos e meninas. Os edifícios são uniformes, nada têm a tirar nem pôr face aos outros estabelecimentos que avistamos ao longo do caminho, em zonas completamente desertas. O diretor, amigo do professor Ciril Fiscian, foi para Acra há uma semana.

— Diabo — quase gritou o professor. Não encontro ninguém!

* * *

Rumamos para Cape Coast, onde fizemos duas ou três paradas. Nesta cidade nasceu o professor. Mostra-me a casa onde viveu sua infância. Aqui e acolá, acena êle para um velho conhecido. Não fomos ao Castelo da Mina, que já conheço muito bem, pois lá estive uma vez, com a família tôda, tendo Paulina Clark como guia, que tudo sabe sôbre Gana e a história daquelas construções ao longo da costa, vestígios dos primeiros contatos entre a Europa e a costa ocidental africana. Perto das três horas tomamos a direção de Takoradi, famosa pelo seu pôrto.

* * *

Dizia-se o professor, enquanto seguíamos rumo à Takoradi:

— Esta minha região é a mais bem servida em escolas. Acredito que em todo o país existam umas 25 escolas secundárias, sendo que destas umas quinze encontram-se aqui na região ocidental, com perto de cinco mil alunos. É pouco, mas já é alguma coisa. Infelizmente, o número de professôres é quase irrisório. Você sabe, a fatal insuficiência de quadros... Ela se faz sentir mais dramàticamente no setor do ensino. Para todo o país, devemos contar com 1.950 professôras secundárias, sendo que apenas 750 são qualificadas. Por isso mesmo, o ensino secundário é precário. Sim, sim, deixa muito a desejar...

Passamos pela ponte sôbre o **Prá** e êle interrompeu-se para uma observação qualquer sôbre os benefícios prestados por aquêle rio de águas barrentas. Ouvi mas nada gravei sôbre o que me disse a propósito do milagroso rio. Queria saber era sôbre o ensino universitário, dizendo-me o professor:

— É de nível tão alto quanto em qualquer outra parte do mundo.

Ficou silencioso por um momento, parecendo refletir sôbre o que dissera. Noutro tom, prosseguiu, oferecendo-me o seu verdadeiro pensar sôbre o ensino universitário da nova África:

— A educação universitária na África teve início recentemente e por esta razão ainda não desenvolveu uma tradição própria. Na maioria das vêzes os cursos refletem, no seu contexto, interêsses metropolitanos ou a linguagem dos mestres colonialistas. Mas já existe um comêço nascido da fusão das idéias nativas e os métodos estrangeiros, e o modêlo está na fase de elaboração. Desta experiência, estou certo, êle nascerá como uma árvore de galhos africanos e raízes universais.

* * *

Finalmente, Takoradi. Aspecto diferente, quer de Acra, quer de Kumasi, as duas maiores cidades do país. Tem fisionomia própria, apesar de ser desarrumada como a

primeira e algo fechada em si mesma como a segunda. O pôrto, majestoso, estende-se à esquerda de quem entra na cidade, vindo de Cape Coast. Apesar da existência, agora, do grande pôrto de Tema, o de Takoradi não morreu. Contamos cêrca de seis navios, nacionalidades as mais variadas.

* * *

Fiquei no "Hotel dos Viajantes", onde encontrei a mais estranha fauna. Os tipos mais exóticos e bizarros. Parece que os inglêses ali hospedados foram escolhidos a capricho. Bigodudos, magros, olhar merencóreo. Tudo ali, aliás, naquele hotel encardido, parece fora do tempo e do espaço. As refeições são anunciadas por um africano todo vestido de branco, com uma faixa verde a tiracolo, batendo com um ferro num pedaço de cano rachado. Tentei passar incógnito, mas havia um grego que viveu muito tempo no Brasil e que me conhecia de fotografia. Ao ver-me, gritou-me de onde estava:

— Senhor Embaixador do Brasil!

Precipitou-se para mim, de braços abertos. Apresentou-se, informando-me:

— Eu me chamo Hristidis e trabalho para a **Kaiser**. Sabe, tenho parentes em São Paulo. Como vão as coisas por lá?

Depois de alguns minutos de conversa, decidiu mostrar-me tôdas as povoações dos arredores, que disse conhecer maravilhosamente. Como o seu trabalho toma pouco de seu tempo, disse-me que vive de povoado em povoado, fotografando os nativos em seu cotidiano.

— Tenho o propósito de publicar um álbum fotográfico — esclareceu, solicitando a minha colaboração quanto ao texto.

Mostrou-me as fotos, realmente espetaculares. Nas povoações que escolheu parece que vivem apenas velhos e crianças. Os adultos válidos emigram para a cidade.

Takoradi, Cape Coast ou Acra, voltando a maioria dêles apenas para morrer.

15, abril — Visitamos mais duas localidades. Axim, onde existe um belo castelo todo branco construído pelos portuguêses, dominando a paisagem costeira sem variações, e Busua, onde passamos algumas horas na praia de Nyaneba, em cujo hotel os nativos exibem-se, dançando o **high-life**, com meneios sensuais, para diversão dos estrangeiros que ali vão passar o fim de semana. De volta a Acra, o professor Ciryl perguntou-me se gostaria de conhecer Tamale e Bolgatanga, no extremo setentrional do país.

— Depois das chuvas — respondi.

Irei àquela região em companhia de Samassa Mayer, triestino de nascimento, mas brasileiro naturalizado, que vive em Gana, como funcionário de uma emprêsa italiana de petróleo. Samassa, como o grego de que já falei, tem a mania da fotografia e pretende publicar um álbum sôbre os fortes e castelos ainda existentes na costa ganense. É o melhor dos guias no interior da África Ocidental.

17, abril — Cinco dos implicados nos atos de terrorismo foram condenados à morte por enforcamento. Era um desfecho esperado, embora ninguém acreditasse. Os cabeças dos atentados contra Nkrumah, porém, continuam sem julgamento, recolhidos a um presídio qualquer, no interior. O povo recebeu com indiferença a notícia das condenações.

Sem data — Algumas leituras, na solidão de Tesano. Um romance de Pavese, a famosa biografia de Joyce escrita por Richard Elimann e um ensaio bastante elucidativo sôbre as influências do passado e do presente em África, de autoria de Henri-Phillipe Junod.

24 abril — Decisão de deixar o pôsto. Espero fazê-lo em agôsto. Impossível ficar mais tempo. As divergênc.as

são grandes. Seria inútil permanecer. Não concordo em que sejamos apenas informantes. Nossa presença deveria ser marcada pela agressividade, através uma ação positiva. Da maneira que vamos, transformamo-nos numa repartição puramente burocrática. Para que serve a presença do Embaixador? Apenas para mostrar-se nos coquetéis e nas recepções?

5, maio — Estava ontem à noite no "Star Hotel", assistindo a dança ao ar livre, quando alguém da mesa vizinha falou em português. Voltei-me para ver quem era, dando com um tipo amulatado, cuja fisionomia não me era estranha. Fiquei atento à conversa, que o barulho da música impediu-me de acompanhar por inteiro, conseguindo porém compreender o suficiente para elucidar-me. Tratava-se de Amilcar Cabral, o líder do Partido Africano Pró-Independência de Cabo-Verde e Guiné Portuguêsa, estando com êle o representante da organização em Gana. Viera a Acra, soube-o hoje, avistar-se com dirigentes do Secretariado de Assuntos Africanos, sôbre a próxima reunião de Adis-Abeba. Soube também que o poeta Agostinho Netto, do M.P.L.A., encontra-se em Acra, tendo chegado incógnito há dois dias.

* * *

Há muito tempo que líderes dos movimentos de libertação das chamadas províncias portuguêsas são vistos em Gana. Quando cheguei, para assumir o pôsto, havia-os em grande quantidade. Estavam alojados perto de Acra, no caminho de Tema, num Motel hoje fechado. Foi ali que me avistei com dirigentes do M.P.L.A., foi ali que combinei o meu primeiro encontro com Mário de Andrade, foi ali que escutei suas críticas ao Brasil, tendo em vista nossa posição na ONU. Repetiam êles, com ênfase, que não bastavam declarações de intenções, reclamavam atos, atos, atos.

Mas, que atos?

Disse-me Mário de Andrade, em nosso primeiro encontro, estar desejoso de visitar o Brasil, para um contato

direto com o nosso povo, que considerava como aliado sincero. A seu vêr, o Brasil poderia ter grande papel, um papel de importância fundamental, na formação dos futuros dirigentes angolanos. Salientou que, a sua geração, deve o melhor de sua formação cultural ao Brasil. Falou-me de outros assuntos, historiou-me o movimento que dirige, desde o seu início, revelando-me dados que me forneceram visão nova do problema angolano. Ao longo do ano findo privei com outros líderes angolanos, por êle mandados a mim, como êste negro Manuel Lima, fugitivo de Portugal, ficcionista de raça, escritor de qualidade.

13, maio — Os últimos conflitos raciais ocorridos nos Estados Unidos estão comprometendo todo o trabalho realizado pelos diplomatas norte-americanos em África. As ocorrências registradas em Alabama vêm provocando incontido sentimento de revolta entre os africanos. Os governos africanos, como não podia deixar de ser, acompanham com vivo interêsse o desenvolvimento das ocorrências nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que permitem pronunciamentos os mais hostis àquele país e aos seus diplomatas.

15, maio — Estou novamente sòzinho, mas desta vez apenas por um mês. O Secretário Cavadas goza férias no Brasil, devendo regressar dentro de trinta dias. A sua ausência leva-me a recordar os dez meses sem Secretário, um verdadeiro pesadêlo. Tive que descobrir tudo por mim mesmo, sob o risco de comprometer a Missão. O fácil tornou-se difícil, o difícil pareceu-me impossível. Recordar aquêle período, que aponto como de iniciação dura, amarga e dramática iniciação, é o mesmo sem dúvida que relembrar um pesadêlo.

20, maio — Osagyefo seguiu para a Etiópia, com as suas idéias de govêrno continental, parlamento comum, comando militar único. Preserva no impossível, não cede em sua pregação, querendo forçar um ritmo ainda mais acelerado na marcha para a unidade africana.

22, maio — Sem dúvida alguma, entre as personalidades que se fizeram presentes em Adis-Abeba, Nkrumah é a que alcança maior auditório internacional, não só pelo arrôjo de suas teses, como também pelo lugar que ocupa na história da luta contra o colonialismo em África. Contudo, embora todos os líderes africanos desejem o mesmo que êle, apresenta-se como uma figura solitária, por divergirem quase todos quanto à sua maneira de promover a ansiada unidade.

23, maio — Nkrumah está de volta. Fêz o que talvez ninguém esperasse dêle. Surpreendeu, ao firmar um documento, a Carta da Unidade Africana, que não passa de simples declaração de intenções, se comparado às sugestões que êle levou para Adis-Abeba. Não ficou impedido, porém, de continuar na pregação de sua doutrina de unidade africana, pois o decidido na Etiópia é apenas um passo na longa marcha para aquêle objetivo. Parece ter compreendido, finalmente, que se no começo do processo da descolonização, foi um fato positivo queimar etapas, agora é aconselhável exatamente o contrário.

* * *

O C.P.P. organizou, para o seu desembarque, recepção que transcorreu discreta. As mulheres do partido compareceram com as suas vestes brancas, os jovens pioneiros impecáveis em seus uniformes, grande número de chefes em seus trajes típicos, muito povo em exemplar disciplina. Não houve os habituais cânticos, nem danças exóticas de fundo religioso, ou qualquer exibição de high-life, perdendo a concentração o caráter espetaculoso a que estávamos acostumados nas cerimônias do aeroporto, cuja primeira amostra eu tive na oportunidade da chegada do Presidente da Mauritânia. A maior delas, porém, foi na cerimônia de boas-vindas à Rainha Elizabeth, quando numa só ocasião reuniram-se todos os chefes tribais do país. Foi a soma do velho e do nôvo, do antigo e do moderno, numa de suas mais agressivas manifestações, igual talvez em grandiosidade e extensão só quando das festas

da Independência ou da República. Apenas estivera ausente, na histórica manifestação à Rainha, o outrora poderoso chefe ashanti, Sir Prempeh II, que sòmente hoje, no desembarque de Osagyefo, vim a conhecer pessoalmente. Fui-lhe apresentado pelo Ministro Krobo Edusei, que infelizmente o fêz em idioma de seu povo, escapando-me o que disse a meu respeito. O chefe ashantí fitou-me sorridente e estendeu-me a mão flácida, que apertei sem emoção. Estava êle vestido à européia, cercado de sua côrte, representante de uma realeza que ainda sobrevive, mas que se tornou um completo anacronismo na sociedade da nova África.

1.º, junho — Pretendia chegar até o Dahomé, com o objetivo de fazer o levantamento dos remanescentes das chamadas elites brasileiras. A minha idéia seria menos a de um levantamento, ou melhor dizendo, de reduzi-los a fichas, do que apresentá-los em sua vivência, para assim, de forma dinâmica, apontar sua verdadeira importância. Conversei a respeito com Augustin Azango, representante diplomático do Dahomé em Gana, oferecendo-me êle tôdas as facilidades para a realização do projeto. Falou-me, então, com grande conhecimento, da cozinha brasileira de seu país, principalmente do cozido, o prato da quinta-feira em sua casa. Perguntou-me, então, pelo resultado das pesquisas realizadas por Vivaldo Costa Lima, não sabendo eu o que lhe informar do trabalho do único estudioso brasileiro que estêve por estas paragens que realmente poderia fazer obra de fôlego, caso... Mas isso é outra história, que faz parte do meu pesadêlo africano.

8, junho — A temporada chuvosa chegou mais cêdo. Lembro-me do ano passado, das vêzes que fiquei prisioneiro em Tesano, por motivo das enchentes. Sem qualquer ligação com a cidade, impossibilitado de comunicar-me com a Chancelaria, passava dias inteiros a ler, conseguindo assim vencer a "História dos Fundadores do Império Brasileiro", do saudoso Otavio Tarquinio de Souza, "Um Estadista da República", de Afonso Arinos de Melo Franco, além de outros títulos da biblioteca básica

que organizei ainda em Brasília, como por exemplo "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda. Mais uma vez, pois, uma temporada chuvosa encontra-me em Gana, mas agora preparando-me para o definitivo regresso ao Brasil.

10, junho — Mais uma vez em Akosombo, para visitar brasileiros. Há dois anos eram apenas três, agora somam perto de vinte. Trabalham na barragem do Volta, considerados como os mais capazes. Não se trata porém de brasileiros de nascimento, são italianos uns, israelenses outros. Foram jovens para o Brasil, lá constituindo família. Dizem-se porém brasileiros, reivindicando para a terra de adoção os méritos do trabalho que aqui executam como técnicos.

* * *

Nativos acotovelam-se na balaustrada do hotel, em muda admiração face ao gigante que começa a modificar a paisagem. Muitos estão aqui pela primeira vez, vieram para vê-lo com os próprios olhos. Ouviram maravilhas sôbre o gigante de desmesuradas proporções, mas ainda ignoram muito a seu respeito. Por exemplo, não será apenas a paisagem que resultará quase que de todo modificada. Também a vida, com o atendimento de uma série de necessidades e exigências talvez ignorados pelos que se encontram aqui. Empreendimentos como êste, como os modernos aeroportos, como as grandes usinas, as refinarias, modificam além da paisagem, além da fisionomia africana, alcançam suas próprias estruturas, influindo inclusive até mesmo em seus hábitos religiosos.

Sem data — Penso regressar em definitivo, ao Brasil, dentro de mais um mês. Já tenho inclusive os têrmos da carta ao Presidente Goulart, solicitando exoneração do honroso pôsto. Pretendo acentuar que não foi feito muito, tendo como objetivo o incremento de nossas relações comerciais, apesar das inúmeras solicitações no sentido de providências que, sem dúvida, reconheço, não poderiam

ser tomadas sem maiores estudos, relacionados com problemas de trocas, pagamentos, tarifas e fretes. É meu dever registrar que a nossa Embaixada jamais estêve devidamente aparelhada para funcionar eficazmente. Nada foi, realmente, feito para o incremento de nossas relações comerciais, tarefa que requereria atuação agressiva, na base de esquema inspirado no esfôrço coordenado e conjunto das diversas representações brasileiras nos países africanos, com o auxílio dos vários órgãos oficiais e privados que, direta ou indiretamente, influem no processo da produção exportável e sua comercialização. Não penso em excusar-me pelas coisas que deixaram de ser feitas, mesmo sem contar com a devida aparelhagem, mas não poderei deixar de referir-me ao que poderia ter sido a nossa ação em Gana, caso realmente tivessemos tido condições de realizar tudo quanto foi planejado. Sei que não farei nenhuma carta nesses têrmos. Vai ser um pedido de exoneração puro e simples, alegando motivos de saúde. A verdade é que tudo não passou de um drama, que infelizmente não sei se o poderei dar aqui como encerrado para sempre.

Mas êsse é o meu desejo. Mais do que isso, é o meu propósito.

(Acra, Gana, África Ocidental)



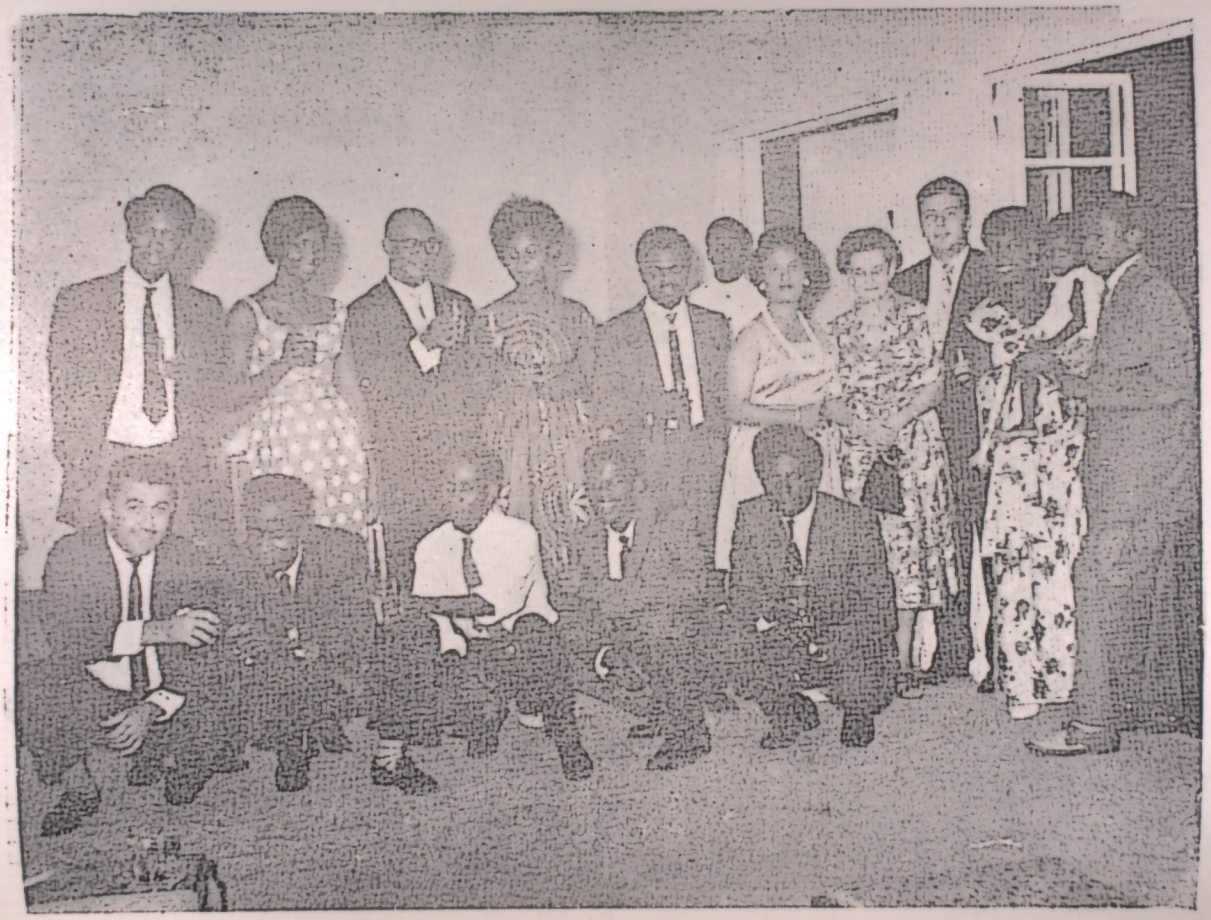
O Presidente Nkrumah, o Embaixador Souza Dantas, o Secretário Correia do Lago, e altos funcionários do govêrno de Gana, na oportunidade da apresentação de credenciais



Aspectos da homenagem prestada pela comunidade brasileira de Acra, capital de Gana, ao Embaixador e Embaixatriz do Brasil, e demais elementos da representação diplomática brasileira



A contar da esquerda, a Rainha da comunidade brasileira, o Embaixador e a Embaixatriz do Brasil, o Rei da comunidade, e o chefe tribal que acolheu o primeiro grupo de escravos repatriados do Brasil.



Aspecto da homenagem dos jornalistas de Acra, ao Embaixador do Brasil e pessoal da Embaixada brasileira.



O Embaixador do Brasil e o Ministro da Defesa de Gana, Kofi Bako.



Homenagem do Comandante do "Custódio de Melo", quando da passagem do navio-escola brasileiro por Acra, levando a bordo a primeira exposição comercial de nosso país para a África Ocidental.



Padres brasileiros em missão no interior ganense, aparecendo o Embaixador do Brasil e família.



Padre Otto Walter, chefe da missão católica de Nkawkaw.



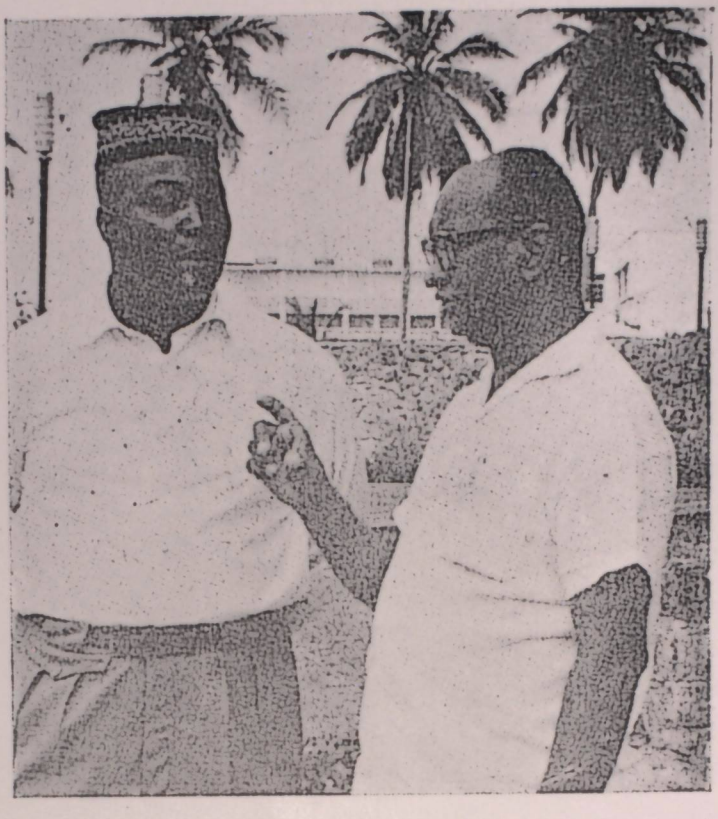
Missionários brasileiros em Gana.



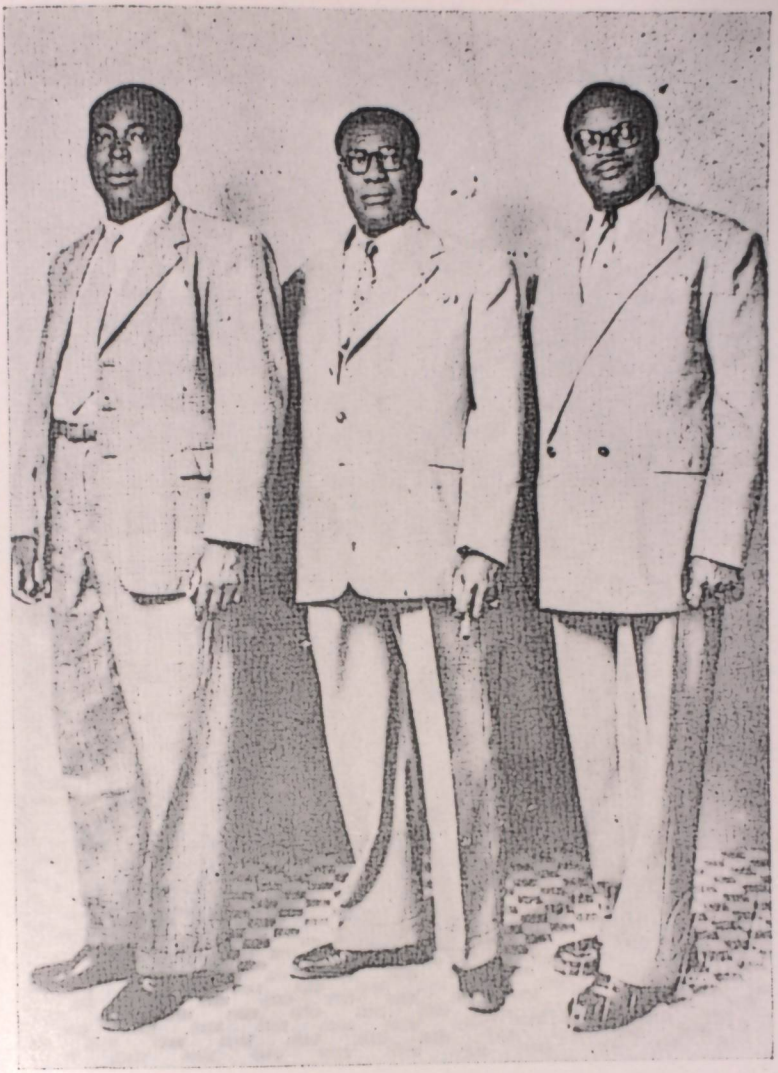
Pa Augustino Ezéchiel de Souza, bisneto do Xáxá, o legendário Francisco Félix de Souza, fundador da família Souza, a mais conhecida em tôda a África Ocidental, de origem brasileira.



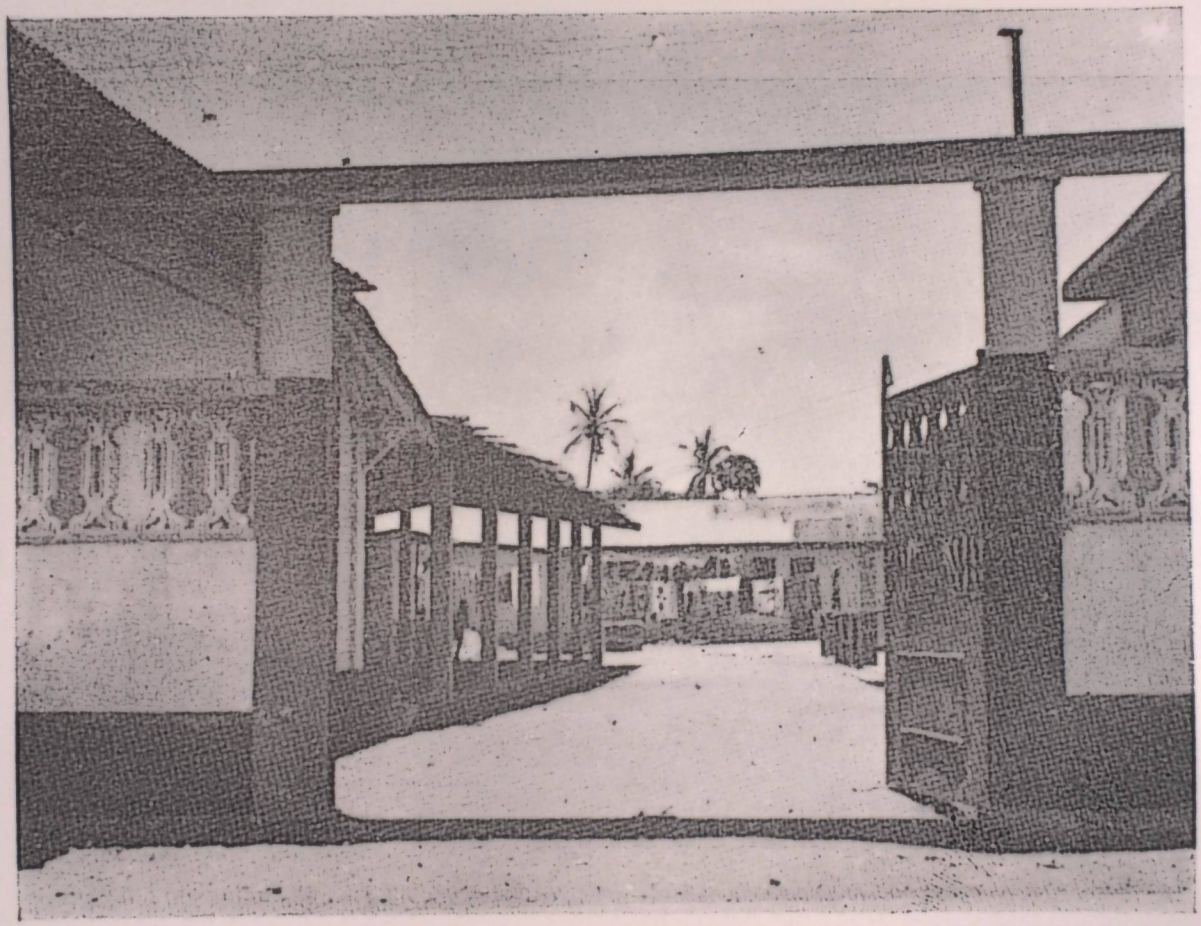
Descendentes de Francisco Félix de Souza, constituindo-se a foto de filhos e netos do Pa Augustino Ezéchiel de Souza, ramo da família Souza do Togo.



Eugênio de Souza, atual chefe da família Souza em Lomé, Togo, e o Embaixador Souza Dantas, considerado pelos descendentes do Xaxá como primo brasileiro.



Outros componentes da família Souza, que constituem a verdadeira elite pensante do Togo, embora já tenham a mesma influência que antigamente.



Residência dos Souza, em Lomé, capital do Togo.



Bartolomeu de Souza, da tradicional família Souza.

III - PRESENÇA BRASILEIRA: ONTEM E HOJE

Embora haja me ocupado, várias vêzes e demoradamente, ao longo do diário de minha experiência africana, sôbre as comunidades brasileiras, tenho ainda algumas considerações a fazer, respeitante às mesmas. O meu objetivo, com estas páginas de fim de livro, é destacar o traço mais característico, no comportamento daquelas chamadas famílias brasileiras da África: o seu dinamismo. Atribui-se, a essas famílias, iniciativas que levaram desenvolvimento e progresso às regiões em que se radicaram, sendo muitas delas apontadas como promotoras de obra civilizadora sem precedentes. Espalhadas por tôda a costa ocidental africana, tiveram, realmente, participação constante em setores os mais diversificados. Encontramos, ainda hoje, quer no Togo, quer no Daomé, quer em Gana, quer na Nigéria, elementos delas oriundos, ocupando cargos importantes, desempenhando atividades as mais destacadas, notabilizando-se na política, no comércio, no ensino, na religião, também na diplomacia e nas artes.

Mantive contatos, conforme deixei registrado no meu diário, durante a minha estada africana, com algumas dessas famílias, como também testemunhei, juntamente com Vivaldo Costa Lima, cujas pesquisas etnográficas e históricas altamente o credenciam, muito do que fizeram em frentes as mais heterogêneas. A história dessas famílias, pois, pelo que as mesmas empreenderam, através de uma ação realmente dinâmica, se confunde com a história de amplas regiões da costa, em situações e etapas as mais diferenciadas, alcançando assim frentes e setores de atividades as mais amplas, contribuindo de forma positiva

para o desenvolvimento econômico, social e político das áreas em que se estabeleceram.

Essa presença brasileira na África, que vem de muito longe, confundiu-se, em épocas recuadas, com a dos próprios portuguêses. Com o passar do tempo, porém, foi ela se desdobrando, por fôrça das comunicações cada vez mais amiudadas com o Brasil, na base da rápida rotação dos navios lusos, utilizados no nefando comércio de escravos. Sòmente, porém, tornou-se marcante, com o retôrno de escravos repatriados, pela metade do Século XVIII, acompanhados muitos dêles de filhos nascidos em terras brasileiras. Instalaram-se, principalmente, nas localidades de Agoué e Ouidá, fazendo prevalecer, inclusive, uma espécie de religiosidade muito nossa, que se expandiu graças à ação do grupo de católicos baianos chefiado por um certo Joaquim de Almeida, nome citado em várias obras de caráter histórico versando sôbre a ação missionária na região em que os portuguêses se destacaram.

Ainda hoje, é verdade, são identificados traços da presença portuguêsa, sendo, como foi, a primeira a se fazer notada, ao se registrar a inauguração de instalações européias fixas ao longo da costa. A presença brasileira, porém, se destaca, principalmente, na vida cotidiana, prevalecendo hábitos, tradições e costumes assimilados pelos africanos, principalmente na Bahia. A ação desses repatriados logo se fêz sentir, desenvolvendo-se ela na base de inspirações e ambições nascidas nos ambientes para os quais foram brutalmente transplantados. Reorganizados segundo um nôvo estilo de vida, multiplicaram-se e prosperaram, enriquecendo, por outro lado, com os hábitos que implantaram, vasta área cultural. Entre essas famílias, sem dúvida, destaca-se ainda hoje a família Souza, conforme verifiquei pessoalmente. Ela é, aliás, uma das poucas, cumpre destacar, que não foi fundada por escravos repatriados, ou filhos de escravos. O seu fundador, como é sabido, foi um funcionário brasileiro, a serviço dos portuguêses, o legendário Francisco Félix de Souza.

IV - PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A grande variedade de documentos já explorados, inclusive pelos próprios historiadores africanos, na massa enorme existente dentro e fora da África, produzida sôbre e pôr essas famílias e comunidades, fornece a verdadeira medida de seu dinamismo. Os historiadores africanos valem-se desses documentos, como também das tradições orais emanadas das referidas famílias, inclusive para o conhecimento mais detalhado de aspectos e etapas de um passado conhecido ainda vagamente, por que em demasia fragmentado. No empenho de consciencialização de seu patrimônio histórico, vêm os historiadores africanos realizando gigantesco trabalho de seleção de documentos, como também da coleta de elementos na faixa das tradições orais, sendo apontadas como da maior valia fontes como os arquivos daquelas famílias brasileiras. Para seguir e melhor compreender, por exemplo, as transformações ocorridas no reinado do Abomey, como também o processo de desenvolvimento experimentado por importantes centros das áreas hoje cobertas pelo Daomé, Togo e, em menor escala, pela Nigéria e Gana, é fundamental o conhecimento das peripécias do famigerado Francisco Félix de Souza, de quem me ocupei no diário, destacando sua personalidade multiforme.

* * *

Muitos já contaram, no Brasil, a história desse homem sinistro, mas ainda há bastante que pesquisar em sua longa e aventurosa vida nas costas ocidentais africanas. Por isso

é considerada incompleta, e na verdade o é, tendo-se dela visão mutilada. O citado Francisco Félix de Souza, depois de servir aos portuguêses no forte de Ajudá, na localidade de Ouidá, no Daomé, destacou-se como traficante de escravos, seguindo sua vida trajetória movimentada, confundindo-se sempre com a história das regiões onde exerceu suas atividades. Aparece ora como conselheiro de reis, ora como inspirado administrador, ora como rei sem coroa, sendo o fundador de verdadeira dinastia, ainda hoje existente, conhecida como a dinastia dos Xáxás.

Deve-se, a êsse homem, a urbanização de várias áreas importantes, estendendo-se o prestígio de seu nome de geração em geração. Um de seus descendentes diretos, o togolês Eugênio Augustino de Souza, procurando facilitar-me o contato com outros elementos da família, principalmente com os herdeiros do título Xáxá, escreveu a seguinte carta aos notáveis da família, carta que diz bem da importância do nome, ainda hoje, como do respeito que guardam os Souza pelo seu legendário antepassado. Eis o documento, na íntegra:

"Lomé, le 10 Mai 1962

Bien Cher Cousin,

Je vous écris pour vous annoncer que je viens de recevoir dimanche 15 courant à Lomé, un cousin de Bahia (Brésil), en la personne de Monsieur Raimundo Souza Dantas, actuellement premier Ambassadeur noir au Ghana (Accra), connaissant parfaitement l'histoire de nôtre aieul Don Francisco Félix de Souza, dont tous les documents et lettres en provenance de Ouidah sont encore choses connues au Ministère des Affaires Etrangéres du Brésil (Amérique du Sud).

Il est désireux de connaître Singbomé, Cotonou et même Porto-Novo pour prendre contact avec les membres de la famille de Souza et d'autres familles d'origine brésilienne.

Monsieur Raimundo Souza Dantas vient de rejoindre son poste au Ghana (Accra), aprés une visite-éclair à Lomé oú il a residé à l'hôtel le Bénin. Il reviendra probablement le 25 avril courant pour les fêtes de l'Indépendance du Togo. Il se peut qu'il fasse un saut au Dahomey-Ouidah si le temps matériel le permet.

Comme il est souvent accompanhé de son Sécretaire blanc, faites le nécessaire pour leur préparer deux chambres au cas oú il se pourrait qu'ils passent la nuit à Ouidah ou Cotonou.

Copies de ces lettres sont addressées au Régent Grégoire de Souza à Ouidah, à Mitto à Olladah, à Mr. Robert de Souza, à Mr. Félix de Souza, à Mr. Barthélémy et Marcellin de Souza à Cotonou, et au Président Joseph de Souza à Lomé pour toutes les fins utiles.

Dans l'espoir de suggestions à mon endroit et vous attendant de vôtre côté à toute éventualité, je vous prie de croire à mes sentiments distingués.

EUGÊNIO A. DE SOUZA"

* * *

Participaram com destaque, muitos dos descendentes brasileiros, dos movimentos de emancipação política, principalmente no Togo e no Daomé. O historiador, também nesse particular, terá muito a recolher, seguindo-lhes de perto a ação. A família Olímpio, no Togo, e a família Pinto, no Daomé, apenas para citar dois exemplos bastante significativos, tiveram quer na fase de descolonização, quer na fase de conquista da independência pròpriamente dita, num e noutro país, influência decisiva. Os Olímpio chegaram, inclusive, a fornecer o primeiro presidente constitucional togolês, na pessoa de Silvanus Olímpio. Coube, da mesma forma aos Souza, participação destacada, aparecendo sob a liderança de Augustino Ezequiel de Souza,

o último grande chefe da família, no ramo togolês. Também em Gana tiveram e têm, os descendentes de repatriados e de filhos de escravos nascidos no Brasil, atuação política importante, sempre atentos para os problemas mais urgentes. Não representam, pois, em qualquer das regiões em que se radicaram, êsses brasileiros da África, comunidades apáticas e sem história, mas sim dinâmicas, pela sua atuação em frentes as mais heterogeneas.

Como disse, a história dessas famílias, para os pesquisadores da história africana, é de grande importância, tendo em vista principalmente a participação das mesmas em modificações estruturais da vida nas regiões em que se fixaram. Encontramos, por exemplo, nas páginas da publicação "Études Dahoméenes", estudos e ensaios sôbre períodos os mais variados da história do Togo e do Daomé, nos quais a atuação brasileira é apontada com destaque. Além da história da família Souza, o grupo mais atuante, contada várias vêzes, inclusive por um descendente da mesma, o escritor Norberto de Souza, encontramos em quase todos os números da referida publicação trabalhos sôbre as propriedades e as atividades comerciais dos brasileiros, hábitos e costumes transplantados, inclusive folguedos e ritos católicos. Desejo, ainda, destacar o livro de Paul Hazoumé, publicado em 1937, intitulado "Le Pacte du Sang au Dahomey", que se ocupa longamente de Francisco Félix de Souza e sua influência na vida africana da região. Êsse livro, raridade no Togo e no Dahomé, foi-me emprestado por um dos notáveis da famosa família, que o mantem entre relíquias. Dos escritores estrangeiros, especialistas em história africana, o que melhor se mostra documentado, sôbre a atuação dos brasileiros, parece-me ser Robert Cornevin, pelo menos pelo que nos revela nos seus livros "Histoire du Togo", publicado em 1962, e "Le Dahomey", aparecido mais recentemente. Há, ainda, o ensaista Louis Joos, que mostra que o historiador africano não pode ignorar a presença desses brasileiros de Daomé e do Togo, principalmente, destacando a figura de Fran-

cisco Félix de Souza como a de um verdadeiro criador de civilização. Essas referências, sôbre livros e estudos, poderiam ser levadas quase que ao infinito, se o nosso objetivo fôsse o levantamento das obras, escritas até aqui, sôbre relações de raças entre o Brasil e a África, mas seria imperdoável deixar de citar, entre os referidos, o trabalho de Pierre Verger, intitulado "Influence du Brésil au golfe du Bénin", no particular da história, economia e vida social. O meu objetivo, aqui, foi apenas o de mostrar como os historiadores africanos, no seu empenho de afirmação, preocupam-se em focalizar tôdas as influências, positivas ou negativas sofridas ao longo dos séculos, aparecendo a brasileira como realmente positiva, pelo que representou e representa.

ÍNDICE

13 África Difícil

25 Missão Condenada: Diário

115 Presença Brasileira: Ontem e Hoje

119 Participação Política

e sim com o meu modo de ser e de ver as coisas, sendo como sou homem de outro mundo".

Trata-se de um documento autêntico, através do qual o leitor acompanha o esfôrço sem medida de um homem no sentido de vitoriar em missão difícil pela sua própria natureza, porém mais difícil ainda por motivo da atitude de pessoas das quais dependia em sua retaguarda, que não aceitavam tivesse o Brasil um Embaixador negro. Sua experiência diplomática, porém, embora condenada ao fracasso por motivo da desajuda de setores que lhe deviam tôda a cobertura, não resultou inútil, pois graças ao seu esfôrço e empenho, deixou um saldo positivo.

Destacam-se, neste livro, os contatos com os descendentes de escravos repatriados do Brasil e de brasileiros que se radicaram nos países da costa atlantida, principalmente no Daomé e no Togo. Essas famílias são numerosas, conforme revelação que fêz Raymundo Souza Dantas, numa série de reportagens publicadas no *Jornal do Brasil*, ainda em 1962, quando de suas primeiras férias regulamentares. Divulga, pela primeira vez, um documento produzido na própria África, sôbre uma comunidade fundada por brasileiros, documento considerado como dos mais importantes para os que se preocupam com a história afro-brasileira.

Os Editores

Coleção Nova África

ÁFRICA DIFÍCIL

Missão Condenada: Diário

de

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

Com êste livro iniciamos a Coleção Nova África, seguindo-se a êste lançamento obras de autores nacionais e estrangeiros, inclusive africanos, sôbre aspectos e problemas os mais diversos de um mundo desconhecido, apaixonante e desafiador, que possibilitará, ao leitor brasileiro, melhor conhecimento das realidades daquelas jovens nações.

Duas opiniões sôbre SOCIOLOGIA DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA, de Pessoa de Morais.

OTTO MARIA CARPEAUX:

"Entre os já numerosos livros dedicados ao momento político que o Brasil atravessa, parecia faltar um que analisasse as condições e raízes sociais dos acontecimentos."

.....

"... descreve o processo de modernização do Brasil arcaico (têrmo de Jacques Lambert) durante os últimos decênios e anos; os traços característicos da nova sociedade, o declínio das autoridades tradicionais, o movimento estudantil e o ocaso do bacharelismo, as lideranças de ontem e de hoje, os movimentos rurais e operários, a urbanização e industrialização, o papel e a distribuição das fôrças na vida pública, etc."

O autor continua a tradição aberta ao mundo, da Velha Escola do Recife; e chega a resultados indispensáveis para a tomada de consciência neste momento."

BARBOSA LIMA SOBRINHO:

"Não se trata pròpriamente de uma sociologia de golpes de estado, mas do estudo das condições mais profundas, que vão balizando a transformação da sociedade brasileira, a partir do sistema patriarcal rural, para chegar à ascenção gradual da burguesia urbana. E êsse duplo processo de desintegração do patriarcado rural e de elevação da burguesia urbana — é investigado e descrito pelo autor, em diversos setores da atividade social, no declínio da autoridade, nas influências que se fazem sentir no meio estudantil, nas tendências do professorado nacional, nas lideranças que atuaram no passado e no presente, na configuração da revolução camponesa, como reflexos ou determinantes de um amplo movimento de mudança social."

LEITURA